



Universidade de Brasília  
Faculdade de Ciência da Informação  
Curso de Museologia

# **A FORMAÇÃO DO ACERVO DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA BÍBLICA DO UNASP: UM ESTUDO DE CASO**

NAYARA DE SOUZA MELO

Brasília - DF  
2019

NAYARA DE SOUZA MELO

**A FORMAÇÃO DO ACERVO DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA  
BÍBLICA DO UNASP: UM ESTUDO DE CASO**

Monografia apresentada como requisito básico para obtenção do título de bacharel em Museologia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréa Fernandes Considera

Brasília - DF  
2019



## FOLHA DE APROVAÇÃO

A formação do acervo do Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP: um estudo de caso.

**Aluna:** Nayara de Souza Melo

Monografia submetida ao corpo docente do Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília – UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharelado em Museologia.

### Banca Examinadora:

Aprovada por:

**Andréa Fernandes Considera – Orientadora**  
**Professora da Universidade de Brasília (UnB)**  
**Doutora em História Cultural - UnB**

**Janaina Silva Xavier – Membro**  
**Professora da Universidade de São Paulo (USP)**  
**Mestre em Museologia – USP**

**Ana Lúcia de Abreu Gomes - Membro**  
**Professora da Universidade de Brasília (UnB)**  
**Doutora em História - UnB**

**Fernanda Werneck Cortes - Membro**  
**Professora Substituta da Universidade de Brasília (UnB)**  
**Mestre em História - UnB**

Brasília-DF, 20 de agosto de 2019.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

dm528f de Souza Melo, Nayara  
A FORMAÇÃO DO ACERVO DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA BÍBLICA DO  
UNASP: UM ESTUDO DE CASO / Nayara de Souza Melo; orientador  
Andréa Fernandes Considera. -- Brasília, 2019.  
64 p.

Monografia (Graduação - Museologia) -- Universidade de  
Brasília, 2019.

1. Colecionismo.. 2. Arqueologia Bíblica. . 3.  
Museologia. . 4. Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP.. I.  
Fernandes Considera, Andréa, orient. II. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por todos os momentos em que Ele me amparou e me fortaleceu;

Agradeço à minha família e amigos, que me apoiaram e incentivaram;

Aos funcionários da Faculdade de Ciência da Informação e ao corpo docente da Museologia e de outros cursos da universidade que me fizeram crescer e amadurecer academicamente, pessoalmente e profissionalmente;

A minha professora e orientadora, Andréa Fernandes Considera, pela orientação e apoio neste trabalho, no Prolc e nos projetos de extensão;

A museóloga Janaina Xavier e ao estagiário Lucas que me receberam muito bem e me ajudaram a conseguir as informações para a elaboração deste trabalho;

Aos meus amigos e colegas de curso, pelo companheirismo e amizade que me moldaram e me deram momentos memoráveis;

Agradeço a todos que, de alguma forma, me ajudaram e incentivaram na elaboração deste trabalho.

## RESUMO

O presente trabalho consiste em uma análise qualitativa e quantitativa do acervo do Museu de Arqueologia Bíblica do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). A partir de um levantamento bibliográfico sobre colecionismo, coleção, Arqueologia e Arqueologia Bíblica, debate-se alguns conceitos e aborda-se como ocorre a criação dos museus, com foco nas semelhanças entre os campos de estudo da Museologia e da Arqueologia. Nesse estudo de caso, abordou-se a biografia e a coleção do Dr. Paulo Bork, cuja doação foi responsável pela criação do museu. Foram analisadas a documentação do museu e as tabelas de catalogação e, assim, foi abordada a influência da coleção inicial do Dr. Bork na aquisição dos outros objetos do museu. Como resultados, percebe-se a influência dos valores do colecionador na aquisição dos outros objetos, mas há uma ruptura dessa tendência quando a instituição contrata uma profissional da museologia, a qual cria uma missão para o museu e passa se preocupar em adquirir objetos com certificação e que representam a Arqueologia Bíblica.

**Palavras-chave:** Colecionismo. Arqueologia. Arqueologia Bíblica. Museologia. Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP.

## ABSTRACT

The present work consists of a qualitative and quantitative analysis of the collection of the Biblical Archeology Museum of Adventist University Center of São Paulo (UNASP). From a bibliographical survey on collecting, collection, archeology and biblical archeology, we discussed some concepts and how museums' creation occurred. We focused on the similarities between the fields of study of museology and archeology. This case study addressed the biography and collection of Dr. Paulo Bork, whose donation was responsible for the creation of the museum. The museum documentation and cataloging tables were analyzed and the influence of Dr. Bork's initial collection on the acquisition of other museum objects was discussed. As a result, one can see the influence of the collector's values on the acquisition of other objects, but there is a break in this trend when the institution hires a museum professional, who creates a mission for the museum and is concerned with acquiring certified objects, which represent Biblical Archeology.

**Keywords:** Collecting. Archeology. Biblical Archeology. Museology. Biblical Archeology Museum of UNASP.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Paulo Franz Bork.....	25
Figura 2 - Estante do Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP.....	27
Figura 3 - Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP.....	28
Figura 4 - Gráfico do acervo total do MAB-UNASP.....	31
Figura 5 - Gráfico da coleção inicial do Dr. Paulo Bork.....	32
Figura 6 - Gráfico dos Objetos Arqueológicos.....	32
Figura 7 - Gráfico do acervo total do MAB-UNASP.....	33
Figura 8 - Gráfico dos Objetos Ilustrativos.....	33
Figura 9 - Gráfico do acervo total do MAB-UNASP.....	34
Figura 10 - Gráfico da coleção inicial - OA – data.....	35
Figura 11 - Gráfico da coleção inicial - OA – material.....	36
Figura 12 - Gráfico da coleção inicial - OA - original/réplica.....	36
Figura 13 - Gráfico da coleção inicial - OA – origem.....	37
Figura 14 - Gráfico da coleção inicial - OI – material.....	38
Figura 15 - Gráfico da coleção inicial - OI – data.....	38
Figura 16 - Gráfico da coleção inicial - OI – origem.....	39
Figura 17 - Gráfico da coleção inicial - OI - original/réplica.....	39
Figura 18 - Gráfico do acervo do MAB-UNASP - OA – origem.....	40
Figura 19 - Gráfico do acervo do MAB-UNASP - OA - original/réplica.....	41
Figura 20 - Gráfico do acervo do MAB-UNASP - OA – data.....	42
Figura 21 - Gráfico do acervo do MAB-UNASP - OA – material.....	43
Figura 22 - Gráfico do acervo do MAB-UNASP - OI – material.....	44

Figura 23 - Gráfico do acervo do MAB-UNASP - OI – origem.....	45
Figura 24 - Gráfico do acervo do MAB-UNASP - OI - original/réplica.....	45
Figura 25 - Gráfico do acervo do MAB-UNASP - OI – data.....	46
Figura 26 - Objetos Arqueológicos – Data.....	49
Figura 27 - Objetos Arqueológicos – Material.....	50
Figura 28 - Objetos Arqueológicos – Origem.....	51
Figura 29 - Objetos Ilustrativos – Data.....	51
Figura 30 - Objetos Ilustrativos – Material.....	52
Figura 31 - Objetos Ilustrativos – Origem.....	53

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Comparação da coleção do Dr. Bork com a coleção do MAB-UNASP.....	48
Quadro 2 - Comparação da coleção de Objetos Ilustrativos do Dr. Bork com a coleção do MAB-UNASP.....	48

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

ASOR	American Schools of Oriental Research
CAB	Colégio Adventista Brasileiro
CNMA	Centro Nacional da Memória Adventista
EBAF	École pratique d'Études bibliques
IAE	Instituto Adventista de Ensino
Ibram	Instituto Brasileiro de Museus
Icom	Conselho Internacional de Museus
MAB-UNASP	Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP
AO	Objetos Arqueológicos
OI	Objetos Ilustrativos
PEF	Palestine Exploration Fund
PES	Palestine Exploration Society
PUC	Teologia no Pacific Union College
SBA	Society of Biblical Archaeology
SC	Santa Catarina
SP	São Paulo
UNASP	Centro Universitário Adventista de São Paulo

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
CAPÍTULO I .....	12
1. COLECCIONISMO, ARQUEOLOGIA E ARQUEOLOGIA BÍBLICA .....	12
1.1 COLECCIONISMO.....	12
1.2 ARQUEOLOGIA.....	16
1.3 ARQUEOLOGIA BÍBLICA .....	19
CAPÍTULO II .....	23
2. PAULO BORK E O MUSEU DE ARQUEOLOGIA BÍBLICA DO UNASP .....	23
2.1 BIOGRAFIA DE PAULO FRANZ BORK .....	23
2.2 UNASP .....	25
2.3 MUSEU DE ARQUEOLOGIA BÍBLICA DO UNASP.....	26
2.4 ACERVO E DOCUMENTAÇÃO NO MAB-UNASP .....	28
2.5 ANÁLISE DOS GRÁFICOS .....	29
2.5.1 OBJETOS ARQUEOLÓGICOS – DR. PAULO BORK .....	34
2.5.2 OBJETOS ILUSTRATIVOS – DR. PAULO BORK.....	37
2.5.3 DADOS DO ACERVO TOTAL – OBJETOS ARQUEOLÓGICOS .....	40
2.5.4 DADOS DO ACERVO TOTAL - OBJETOS ILUSTRATIVOS .....	43
CAPÍTULO III .....	47
3. RESULTADOS .....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	57
REFERÊNCIAS .....	59

## INTRODUÇÃO

Este trabalho, cujo tema é a formação de coleções, insere-se no campo da Museologia pelo Eixo 1 - Teoria e Prática Museológica e pelo Eixo 2 - Museologia e Informação. Na história dos museus, é bastante comum que uma coleção pessoal seja a base para a constituição de museus, onde novos objetos serão adquiridos formando o acervo. Para a Museologia, um objeto é dotado de características intrínsecas e extrínsecas, que são fontes de informação para se entender um contexto, um povo, um determinado assunto ou um campo de estudo. Dentro da prática museológica, a documentação demanda pesquisa e é um sistema que visa à recuperação de informações dos objetos, facilitando a pesquisa científica para estudiosos. Há também dentro da gestão museológica, especificamente por meio do plano museológico, que é um instrumento de planejamento técnico, uma necessidade em desenvolver uma política de aquisição bem estruturada que atue como forma de manter a documentação organizada e não desviar a instituição de sua missão.

Existem diversas lacunas que se apresentam na documentação das coleções iniciais dos museus brasileiros. Sem uma política de aquisição definida e um sistema de documentação eficiente, os museus acabam por não cumprir um dos campos essenciais à sua natureza e ao seu bom funcionamento: a pesquisa<sup>1</sup>.

O que impulsionou a realização deste trabalho foi o fato de que, apesar de mais de um século de iniciativas na área da documentação, o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) elaborou, por meio de normatização, um incentivo na criação de uma política de aquisição e de descarte. E, mesmo que o colecionismo seja um tema estudado pela Museologia, não há muitos estudos que relacionem as coleções iniciais ao restante dos acervos dos museus.

Embora possua um acervo bastante representativo para a área da Arqueologia Bíblica, sendo o único da América Latina voltado para essa tipologia, o Museu de Arqueologia Bíblica do Centro Universitário Adventista de São Paulo (MAB-UNASP), antigo Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork, não apresenta documentação sobre a sua coleção inicial e tampouco foi catalogada. O Dr. Bork doou a sua coleção,

---

<sup>1</sup>Nesse caso, nos referimos à pesquisa museológica e não aos outros tipos de pesquisas que ocorrem nos museus, como, por exemplo, as pesquisas de público.

enquanto ainda estava vivo, ao UNASP. E, a instituição resolveu criar o museu a partir dessa coleção como forma de auxiliar os alunos nos seus estudos. O museu não possui uma política de aquisições escrita, mas têm recebido diversas outras coleções de particulares, o que tem desenvolvido um interesse por parte da população cristã e não-acadêmica sobre o acervo.

O objetivo geral da pesquisa é identificar os processos de formação inicial do acervo do Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP destacando a coleção inicial doada pelo próprio Paulo Bork assim como as doações seguintes.

Os objetivos específicos são:

- Definir os conceitos de coleção, colecionismo, Arqueologia e Arqueologia Bíblica;
- Apresentar a coleção inicial do Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP;
- Comparar a coleção do Paulo Bork com o acervo do museu com o objetivo de verificar a existência ou não da influência da coleção inicial sobre o restante do acervo do Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP.

A metodologia da pesquisa é de natureza básica, uma vez que foi realizada uma revisão bibliográfica e análise documental. Quanto aos objetivos desta pesquisa, ela é explicativa pois se propõe a analisar e apresentar as características da formação da coleção do Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP.

Trata-se de um estudo de caso sobre a coleção inicial doada pelo Dr. Paulo Bork ao UNASP. Foi realizada uma visita técnica ao MAB-UNASP durante os dias 06 e 10 de agosto de 2018, onde conheci o edifício, o acervo e tive a oportunidade de entrevistar<sup>2</sup> a museóloga Janaína Xavier. Também durante a visita, pude analisar os documentos de doação do Dr. Bork e os documentos referentes à cerimônia de abertura do museu.

Em relação à pesquisa bibliográfica, foram analisados e, posteriormente debatidos alguns livros, teses e artigos que abordam o colecionismo, coleção e Arqueologia Bíblica. Foram analisadas as planilhas em excel disponibilizadas pela museóloga Janaína Xavier com a listagem do acervo do museu e com os campos das fichas catalográficas. Sendo assim, a pesquisa é qualitativa e quantitativa.

---

<sup>2</sup> Foi realizada uma entrevista não estruturada.

## CAPÍTULO I

### 1. COLECIONISMO, ARQUEOLOGIA E ARQUEOLOGIA BÍBLICA

#### 1.1 Colecionismo

O colecionismo é uma prática bastante frequente na história da humanidade. Desde a antiguidade, os objetos já eram reunidos em coleções a fim de conferir algum prestígio aos seus possuidores (BRULON, 2015, p. 44). Com o passar do tempo, essas coleções adquiriram novos significados e chegaram a ser institucionalizadas, dando origem aos museus modernos.

Atualmente, de acordo com o Conselho Internacional de Museus (ICOM), uma coleção pode ser definida como um conjunto de objetos materiais e/ou imateriais que foi reunida, classificada, selecionada e conservada por uma instituição ou indivíduo, e que é exposta e comunicada a um público com alguma frequência (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013).

Outra definição bastante recorrente é a de Krzysztof Pomian, segundo a qual coleção é

[...] qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público (POMIAN, 1994, p. 53).

Ambas as definições, tanto a do ICOM quanto a de Pomian, apresentam pontos em comum que designam coleção como um conjunto de objetos que são conservados em um local seguro e que devem ser expostos ao público. Mas qual a necessidade de se conservar e expor esses objetos? Para Pomian, a importância dos objetos que formam as coleções está na sua capacidade de exercer a função de semióforos, ou seja, são objetos “dotados de um significado”, mas que “não têm utilidade”. Desse modo, são objetos que não apresentam um valor utilitário no mundo visível, material, mas são capazes de representar o mundo invisível, por isso sua utilização ficaria circunscrita à significação (POMIAN, 1994, p. 71).

Já para Jean Baudrillard, a coleção é “uma organização mais ou menos complexa de objetos”, os quais precisam manter relações entre si e possuir um nível de abstração que é resultado do sentimento de posse (BAUDRILLARD, 2004, p. 95).

A posse sempre se relaciona a “um objeto abstraído de sua função e relacionado ao indivíduo” (BAUDRILLARD, 2004, p. 94). Ele acredita que a conduta de colecionamento está relacionada a uma necessidade de satisfação intensa que se aproxima ao fanatismo (BAUDRILLARD, 2004, p. 95-96). Baudrillard e Pomian convergem sobre a significação do objeto e a relação inversa entre posse e utilidade.

Ulpiano Meneses concorda com Pomian sobre a significação dos objetos e relaciona os semióforos aos objetos históricos nos museus. Para ele, esses objetos possuem atributos intrínsecos frutos de uma relação com algum acontecimento transcendental. Mas ele afirma que esses valores são atribuídos aos objetos a partir do tempo presente, sendo destituídos da sua função inicial, para se tornarem portadores de sentidos (MENESES, 1994, p. 19).

Philip Bloom ao apresentar a trajetória do colecionismo desde a Antiguidade Clássica ao século XX, abordando diversos colecionadores de diferentes épocas em seu livro “Ter e Manter: uma história íntima de colecionadores e coleções”, conclui que os “objetos colecionados perdem seu valor utilitário (há exceções, é claro) e adquirem outro, estão imbuídos de significado e de qualidades de representação que vão além de sua situação original” (BLOOM, 2003, p. 190).

Embora não haja consenso sobre os motivos que levam à formação das coleções, todos esses autores concordam que os objetos colecionados possuem um significado especial para os colecionadores e, que devido a isso, perdem a sua utilidade no mundo real e cotidiano.

Outro ponto relevante a ser notado é que além da atribuição de valores e da existência de uma hierarquia relacionada à significação dos objetos, há diferentes níveis de significação das atividades humanas. De acordo com Krzysztof Pomian, há homens-semióforos que são representantes do invisível, ou seja, são homens que trabalham para criar significados e podem representar divindades, antepassados ou a sociedade como um todo. Já os homens-coisa são os que realizam as atividades utilitárias ligadas ao mundo material, distanciando-se do nível da significação. (POMIAN, 1994, p. 73). Os cargos semióforos são aqueles que, conseqüentemente, demandam e reúnem uma maior quantidade e variedade de objetos simbólicos, o que ressalta que o aparecimento das coleções é fruto de uma hierarquia social (POMIAN, 1994, p. 74).

Até o século XVI, colecionar era uma prática de príncipes e outras autoridades como forma de aumentar suas fortunas e poderes. (BLOOM, 2003, p. 32). Mas a partir do século XVII, devido à crescente demanda de um grupo social ascendente de sábios, eruditos e artistas que pressionava para ter contato com essas coleções de objetos semióforos, os primeiros museus foram abertos (POMIAN, 1994, p. 82). Nesse contexto, de acordo com Bruno Brulon, a vontade dos colecionadores em deixar um legado para a eternidade, os fez doarem as coleções para os museus públicos o que criou uma nova relação de poder entre os colecionadores e o Estado (BRULON, 2015, pp. 43 e 50).

Segundo Regina Abreu,

[...] O processo de doação de uma coleção de objetos a um museu constitui expressivo fenômeno na medida em que o que está em jogo são relações sociais. Por meio da problematização desse fenômeno é possível desvendar aquilo que lhe é subjacente: crenças, valores e visões de mundo singulares. Os indivíduos são seres que participam ativamente da cultura da qual fazem parte, o que significa um duplo movimento de incorporação dos valores nos quais são socializados e de atuação e modificação da própria cultura (ABREU, 1996, p. 28).

Assim, de acordo com Regina Abreu (1996), a partir do Renascimento e com o avanço do Iluminismo, os sujeitos passam a ter uma nova ideia acerca do “eu”. Com a valorização do homem, que agora é o centro do mundo, há uma necessidade em estabelecer uma permanência póstuma, pois um dia esse homem vai morrer e sua memória pode vir a desaparecer para sempre (ABREU, 1996, p. 99-100). Nesse sentido, há um esforço desses homens ilustres para impedir o seu esquecimento na memória dos outros com uma “fabricação do imortal”, que pode ser alcançada através da relação entre o privado e o público (ABREU, 1996, p. 83).

Mesmo assim, segundo Mara Pedrochi e Eduardo Murguia (2007), quando uma coleção particular torna-se um museu, há um conflito de valores da esfera privada para a esfera pública. Esse processo de criação de museus ou publicização das coleções privadas representou uma subordinação dos interesses privados pelos interesses públicos, representado pelo Estado (PEDROCHI; MURGUIA, 2017, p. 2). Assim, uma coleção que possuía um determinado significado para o colecionador, começou a apresentar outros significados. Os museus foram responsáveis por legitimar a criação dos Estados-nação, pois “satisfaziam uma necessidade de história

e mitologia nacional, especialmente porque as exposições podiam ser arranjadas e rearranjadas para se adaptarem às ortodoxias dominantes.” (BLOOM, 2003, p. 134). Outra atribuição que os objetos receberam no museu foi o papel de documento.

Essa atribuição de valor documental aos objetos, explicitada pela relação documento/monumento desenvolvida por Jacques Le Goff, é fundamental para que possamos compreender a importância dos objetos para os museus. Dentro dessas instituições, os objetos semióforos das coleções transformam-se em museália, ou seja, em objeto de museu, pelo processo de musealização.<sup>3</sup> Além do valor simbólico, os objetos passam a possuir um valor documental ou de bem cultural, pelo qual será pesquisado, preservado e exposto.

Segundo Bruno Brulon,

[...] É o documento por detrás das coleções em si que conferem aos museus possibilidades de fala com o seu público. Se os objetos têm o sentido de evidências, os documentos que os acompanham atestam aquilo que essas evidências podem narrar. [...] Os museus são também discursos; e se não fossem peças-chave na política das representações não teriam chegado a se constituir de forma hegemônica em quase todo o mundo (BRULON, 2015, p. 59).

Para Letícia Julião, os objetos são o ponto essencial para desenvolver a função documental dos museus, através das pesquisas. O que transforma essas instituições em lugares especiais para o desenvolvimento de estudos voltados para os artefatos (JULIÃO, 2002, p. 95). Ela apresenta dois campos de pesquisa que as coleções proporcionam nos museus:

[...] Como já foram apontadas, duas vertentes de pesquisa se apresentam particularmente produtivas para os museus: o trabalho com os objetos enquanto acervo de artefatos, o que implica investigações de aspectos da cultura material das sociedades, e o trabalho com a memória institucionalizada pelas coleções, que envolve revelar os interesses, pressupostos ideológicos, lugares sociais, que orientaram a acumulação de objetos [...] (JULIÃO, 2002, p. 103).

Partindo dessas duas vertentes, analisaremos as características da coleção inicial doada pelo Dr. Paulo Bork e, como esta influenciou a política de aquisição e os

---

<sup>3</sup>Processo pelo qual um objeto é retirado do seu contexto, e quando ingressa em um museu, perde as suas antigas funções e torna-se um objeto de museu, museália. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 57)

pressupostos ideológicos do Museu de Arqueologia Bíblica do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Sabendo que os campos de estudo da Arqueologia e da Museologia possuem semelhanças e são campos interdisciplinares, faremos uma abordagem sobre a arqueologia e a arqueologia bíblica, sendo esta o foco do museu em estudo.

## **1.2 Arqueologia**

A palavra Arqueologia é formada por dois vocábulo gregos: *archaios*: “antigo” e *logos*: “estudo”, podendo ser compreendida como a “ciência que estuda os vestígios e a interpretação histórica de civilizações passadas”. (AGUILAR, 2010). Segundo Rodrigo Silva, “a arqueologia (...) é um ramo da ciência que procura recuperar o ambiente histórico e a cultura dos povos antigos, através de escavações e do estudo de documentos por eles deixados.” (SILVA, 2011, p. 5). Com o passar dos anos e o desenvolvimento da disciplina, a arqueologia passou a estudar não somente os objetos antigos, mas também as relações de poder a partir das coisas (FUNARI, 2013).

A partir dessas definições, nota-se que a arqueologia está ligada ao estudo da cultura material e, embora a arqueologia tenha surgido como disciplina apenas no século XIX, já havia um interesse pela cultura material desde a Antiguidade e Idade Média (RODRIGUES, 2011). Segundo Ulpiano Meneses (1983, p. 112), a cultura material é um “[...] segmento do meio físico que é socialmente apropriado pelo homem [...]”, ou seja, o ser humano intervém em elementos do meio físico segundo algum propósito ou norma cultural.

Richard Bucaille e Jean-Marie Pesez (1989, p. 13), afirmam que a expressão cultura material é apenas uma “[...] formulação muito restritiva dos múltiplos aspectos que compõem essa noção e não abarca a sua totalidade: [...]” e que a cultura material não é composta apenas pelas formas materiais da cultura, embora essa seja uma parte importante. A noção de cultura material seria formada por quatro características, duas voltadas para o termo cultura e duas voltadas para o aspecto material: coletividade, repetitividade, fenômenos infra-estruturais e atenção aos objetos concretos (CÂNDIDO, 2005, p. 80).

Assim, percebe-se que além das características materiais intrínsecas do objeto como material, técnica e morfologia, há também uma percepção ou significação em torno do objeto, resultante da sociedade que o construiu. Ulpiano Meneses (1983, p. 112 e 113) afirma que os artefatos “têm que ser considerados sob duplo aspecto: como produtos e como vetores de relações sociais.”

O desenvolvimento dos estudos da cultura material teve colaboração da arqueologia e vice-versa (BUCAILLE; PESEZ, 1989). As diversas vertentes da arqueologia apresentam diferentes maneiras de lidar com os artefatos e de analisar a sociedade por meio deles. A arqueologia, por não contar com documentos escritos, criou sua metodologia para lidar diretamente com os objetos e assim entender as características dos povos antigos. Bucaille e Pesez (1989) reforçam que a falta de documentos sobre os povos antigos e pré-históricos foi fundamental para o desenvolvimento da arqueologia e também da cultura material.

[...] À necessidade geral de remediar as carências das fontes escritas — carências mais ou menos clamorosas consoante os países e os séculos — junta-se um outro facto: a documentação clássica, escrita ou visual, pode englobar amplos sectores da cultura material, mas só dá deles uma imagem reflectida, subjectiva e já interpretada, necessitando, portanto, de certa prudência. Além disso, quando um texto cita um objecto concreto, não se pode, na maior parte dos casos, dar dele uma imagem precisa; a arqueologia, pelo contrário, põe-nos directamente em contacto com o próprio material, que se pode tocar, examinar e interpretar sem o perigo de erro devido à subjectividade da documentação. (BUCAILLE; PESEZ, 1989, p. 11)

No Renascimento, existiu uma pré-arqueologia, caracterizada por escavações realizadas por clérigos e nobres que buscavam artefatos e relíquias antigas, o que permitiu a criação de antiquários e a formação dos gabinetes de curiosidades (XAVIER, 2015). Segundo Valéria Tavares

O Antiquarismo é o estudo sistemático das coleções e ele ganha certa metodologia científica a partir do Iluminismo. Coleccionismo e Antiquarismo não são sinónimos, porém foi dentro do Coleccionismo que o Antiquarismo nasce e precede a Arqueologia no que tange ao estudo e organização da cultura material. (TAVARES, 2017, p. 17)

Na metade do século XIX, a arqueologia se estabeleceu como disciplina no seio do Positivismo com bases colecionistas e características do movimento colonialista (TAVARES, 2017). O Histórico-culturalismo foi a primeira abordagem teórica da arqueologia que

tem como pressuposto que cada cultura arqueológica é a manifestação em termos materiais de uma população específica, que é bem definida dentro de seu grupo étnico. O Histórico-culturalismo tem um perfil normativo, descritivo, indutivo, classificatório, histórico, difusionista e comparativista. Há um forte distanciamento com os aspectos sociais dos diversos grupos estudados (TAVARES, 2017, p. 18).

Essa corrente teórica foi utilizada para legitimar o discurso de formação dos Estados Nacionais a fim de criar um sentimento nacionalista e fortalecer o imperialismo europeu. O Evolucionismo influenciou a Arqueologia e, por isso, os arqueólogos separavam os povos antigos em diferentes estágios de evolução de acordo com a sua cultura material. Esses povos eram comparados aos europeus, o que contribuiu para o desenvolvimento do etnocentrismo (XAVIER, 2015).

No início do século XX, surgiu a vertente Funcionalista, “que defendia a ideia de que a criação dos objetos estava sempre associada a uma função, uma necessidade humana” (XAVIER, 2015, p. 103), o que também contribuiu para o desenvolvimento da Arqueologia Histórico-Cultural.

Já a partir dos anos 1960, surgiu nos Estados Unidos uma nova teoria arqueológica influenciada pela antropologia, a Nova Arqueologia ou Arqueologia Processual (XAVIER, 2015). O Processualismo é caracterizado pelo uso de métodos e teorias das ciências exatas, e procura desenvolver as explicações sobre o comportamento humano a partir das mudanças que ocorrem no meio ambiente. Desse modo, a cultura material “é um produto do meio físico e social” (XAVIER, 2015, p. 103). Segundo Valéria Tavares (2017, p. 32), o Processualismo possui um perfil “reativo contra o Histórico-Culturalismo, quantitativo, hipotético, dedutivo, generalista, positivista, materialista, a-histórico, antropológico e revolucionário em método”.

Como crítica ao Processualismo, surgiu uma nova corrente teórica na Inglaterra na década de 1980, o Pós-Processualismo. Desenvolvido pelos arqueólogos Ian Hodder, Michael Shanks, Christopher Tilley e Mark Leone, esse movimento foi inspirado por tendências teóricas contemporâneas como a semiótica, o estruturalismo e o neo-marxismo (TAVARES, 2017). Os arqueólogos pós-processualistas criticam o positivismo, pois o comportamento humano não é repetível e testável, e entendem a sociedade a partir do indivíduo, ou seja, as dinâmicas social e cultural são entendidas de dentro pra fora. O Pós-Processualismo possui um perfil “qualitativista, idealista,

interpretativo, particularizante, contextualista, histórico, simbólico, estruturalista e revolucionário” (TAVARES, 2017, p. 35).

Atualmente, essas três vertentes e seus métodos de pesquisa são utilizadas correntemente para responder diferentes questões (XAVIER, 2015).

### 1.3 Arqueologia Bíblica

Segundo Rodrigo Silva e Janaina Xavier, a arqueologia bíblica é

um ramo da arqueologia dedicado a investigar restos materiais relacionados ao universo bíblico ou a história das religiões judaica e cristã. Os métodos científicos empregados são os mesmos da arqueologia, concentrando seus esforços nos locais mencionados nos relatos bíblicos, na denominada Terra Santa, no Oriente Médio (SILVA; XAVIER, 2012, p. 5).

Assim como a Arqueologia, a Arqueologia Bíblica não possui uma data exata de surgimento. O interesse pela Terra Santa<sup>4</sup> remonta aos primeiros séculos da Era Cristã, quando algumas pessoas iam à Palestina<sup>5</sup> a procura de tesouros ou para conhecer os lugares relacionados aos fatos bíblicos. Helena, mãe do Imperador Constantino, é um exemplo desses fiéis. Ela viajou à Palestina para descobrir e identificar os lugares por onde Jesus passou (SILVA, 2011).

Durante a Idade Média, renasceu o interesse dos europeus com relação à Palestina. As Cruzadas levaram diversas pessoas a conhecer a Terra Santa e a possuir diversos artefatos e relíquias que eram de grande valor para os seus proprietários (TAVARES, 2017).

No século XIX, a partir da invasão de Napoleão no Egito, surgiu, em alguns países europeus um novo interesse em explorar a região como não se via desde as Cruzadas (RODRIGUES, 2011). A descoberta da pedra de Roseta foi um dos marcos para uma nova cientificidade nos estudos da arqueologia da Terra Bíblica. Graças à tradução das inscrições desse artefato por Jean-François Champollion, foi possível decifrar a antiga língua dos egípcios, o que incentivou pesquisas arqueológicas na área (SILVA, 2011).

---

<sup>4</sup> Atualmente esta região é dividida entre Israel, Cisjordânia e Jordânia.

<sup>5</sup> Neste caso, referimo-nos à chamada região da Palestina, que hoje é composta pelos territórios da Jordânia, Israel, Faixa de Gaza, Cisjordânia e do sul do Líbano.

As descobertas resultantes da investida de Napoleão serviram como pontapé para que novas expedições científicas fossem realizadas à região da Terra Santa, com o intuito de conhecer as características físicas e geográficas da região (RODRIGUES, 2011). Pesquisadores como Ulrich Jasper Seetzen, Johann Ludwig Burckhardt e James Silk Buckingham foram os pioneiros na investigação científica da região neste período (RODRIGUES, 2011). Além dos pesquisadores, houve um aumento nas atividades de igrejas que enviaram diversos missionários para conhecer a Palestina (SILVA, 2011).

Já na segunda metade do século XIX, diversas sociedades foram fundadas para promover pesquisas e consolidar interesses missionários, econômicos e científicos na região, como a Palestine Exploration Fund (PEF), Palestine Exploration Society (PES), Society of Biblical Archaeology (SBA), École pratique d'Études bibliques (EBAF) e American Schools of Oriental Research (ASOR) (RODRIGUES, 2011, p. 45).

Essas sociedades realizaram escavações e pesquisas na Palestina até a Primeira Guerra Mundial, período que é conhecido como a primeira fase da história da pesquisa arqueológica na Palestina. Há ainda duas outras fases: o período entreguerras e o período pós-1948 (MAZAR, 2003, p. 33).

Depois da Primeira Guerra Mundial, as pesquisas diminuíram na região<sup>6</sup>. Devido à falta de recursos por parte dos países europeus, e os Estados Unidos passaram a exercer um papel mais importante na Arqueologia Bíblica (RODRIGUES, 2011). Uma figura de destaque para o campo foi William Foxwell Albright (1891-1971), decano da American Biblical Archeology, que constituiu uma escola conservadora de arqueologia bíblica nos Estados Unidos que influenciou diversos alunos arqueólogos (PRICE, 2011). Ele é considerado o pai da arqueologia bíblica por ter defendido a validade da historicidade da Bíblia a partir de conceitos do Histórico-Culturalismo (XAVIER, 2015).

Após a Segunda Guerra Mundial, as pesquisas não recomeçaram de imediato, mas a partir de 1948, com a criação do Estado de Israel. As pesquisas passaram a ser realizadas pelos israelenses, diminuindo a influência dos países europeus e dos EUA. Na Jordânia, após a Guerra dos Seis Dias, as pesquisas passaram a ser

---

<sup>6</sup> Região da Palestina.

realizadas com parcerias de arqueólogos jordanianos e estrangeiros (RODRIGUES, 2011).

Atualmente, há diversos nomes para a Arqueologia praticada na Palestina<sup>7</sup>, sendo a “Arqueologia Bíblica”, o termo mais canônico que foi definido por Albright na década de 1930 (RODRIGUES, 2011, p. 81). Segundo Rodrigo Silva (2011, p. 15), “até meados dos anos 70, havia um razoável consenso entre os especialistas em Oriente Médio de que a Bíblia era uma fonte histórica confiável, especialmente quanto às origens do povo hebreu.”, mas a partir de 1980, novos autores começaram a criticar essa nomenclatura seguindo os pressupostos da Nova Arqueologia (RODRIGUES, 2011). Em 1974, o termo “arqueologia siro-palestina” passou a ser utilizado o que, segundo Darius e Hosokawa (2017, p. 26), é “um termo geográfico que trouxe a discussão para uma perspectiva pós-moderna de tolerância no embate de ideias ainda em conflito”. Também existem outras nomenclaturas como “arqueologia do Oriente” e “arqueologia da Palestina” (SILVA, 2011, p. 23).

Segundo Gabriella Rodrigues (2011), o termo “arqueologia bíblica” é utilizado, na maior parte das vezes, por arqueólogos estrangeiros, notadamente os estadunidenses, que são motivados pelo seu interesse na Bíblia. Já os arqueólogos israelenses, utilizam o termo “Arqueologia Israelense”, que nasceu da arqueologia bíblica, mas “sob os auspícios de seu Estado” (RODRIGUES, 2011, p. 87).

Além dos debates acerca da nomenclatura, surgiram duas vertentes acadêmicas controversas sobre a relação entre arqueologia e a Bíblia: o maximalismo e o minimalismo. Os maximalistas, os mais conservadores, defendem que o conteúdo da Bíblia é histórico, portanto pode ser utilizada como base para os estudos na área (KAEFER, 2014, p. 152). Já os minimalistas não acreditam que a Bíblia deve ser usada como fonte histórica, e tampouco utilizada como evidência (KAEFER, 2014, p. 153).

Mesmo com as críticas em relação à Bíblia, é inegável que o interesse inicial na arqueologia da Palestina deveu-se a um interesse religioso. Segundo, Amihai Mazar

A arqueologia na Palestina no passado e, em grande parte, até mesmo hoje foi motivada pelo interesse na Bíblia. Muitos dos arqueólogos trabalhando no

---

<sup>7</sup> Referimo-nos à região da Palestina, não a um país.

país têm antecedentes de pesquisa bíblica e assim tendiam a interpretar os achados arqueológicos de um ponto de vista histórico e bíblico. As tendências nos estudos bíblicos às vezes parecem obscurecer a objetividade na interpretação, e a abordagem fundamentalista também teve o seu impacto. [...] Hoje existe um esforço intelectual contínuo por arqueólogos e por historiadores bíblicos e do antigo Oriente Próximo para integrar os estudos e fecundar reciprocamente os campos de pesquisa. (MAZAR, 2003, p. 52)

Apesar dessas discussões acerca da nomenclatura, o museu do UNASP utiliza o termo arqueologia bíblica, sendo o único museu com essa temática na América Latina. De acordo com Xavier,

o Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork entende que a arqueologia bíblica não tem a pretensão de confirmar a veracidade da Bíblia, mas recuperar artefatos que documentem os períodos descritos nas Escrituras e auxiliem na compreensão de seus textos. A função da arqueologia não é comprovar ou refutar os eventos bíblicos e nem estabelecer doutrinas teológicas, ela não entra no campo da fé, porém seus achados têm colaborado para esclarecer relatos sobre personagens, lugares e eventos mencionados na Bíblia (XAVIER, 2015, p. 109).

Em relação à essa temática, existem algumas instituições museológicas espalhadas pelo mundo. O museu com a maior coleção de objetos referentes à arqueologia bíblica é o Museu de Israel, que foi criado em 1965, e apresenta como destaque do acervo os Manuscritos do Mar Morto (XAVIER, 2015, p. 114). Segundo Silva e Xavier (2012), novos museus de arqueologia bíblica estão surgindo nos EUA, sendo a maioria ligada a faculdades e seminários, como por exemplo, o Museu de Chicago, em Illinois.

No âmbito da Igreja Adventista do Sétimo Dia, há alguns museus e espaços expositivos com essa temática como o Museu Sigfried Horn, da Universidade Andrews, em Michigan, o Seminário de Zaoksky na Rússia, e a Southwestern Adventist University, no Texas (TIMM, 2010, p. 18). É importante ressaltar que existem muitos objetos relacionados ao contexto da arqueologia bíblica em diversas instituições que não são necessariamente museus especializados nesse tema.

A partir dos conceitos apresentados neste capítulo, utilizaremos neste trabalho a terminologia arqueologia bíblica porque foi a adotada pelo Museu do UNASP. No próximo capítulo, apresentaremos o histórico e as características do museu, a biografia do Dr. Paulo Bork e um estudo feito com gráficos sobre o acervo.

## CAPÍTULO II

### 2. PAULO BORK E O MUSEU DE ARQUEOLOGIA BÍBLICA DO UNASP

#### 2.1 Biografia de Paulo Franz Bork

Em 1922, o casal alemão Max e Helena Bork se mudaram para o Brasil com os três filhos, João, Lydia e Ruth. Em 08 de janeiro de 1924, nasceu o quarto filho da família, Paulo Franz Bork, na cidade de Cristina, Minas Gerais. Logo após o seu nascimento, a família passou a residir em São Paulo, em uma fazenda próxima ao Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual Centro Universitário Adventista – Campus 1 São Paulo, onde Paulo Bork estudou entre 1939 e 1942. Para ajudar os pais com os custos escolares, ele colportou<sup>8</sup> livros em Assis, SP (1942), Presidente Prudente, SP (1943) e Joinville, SC (1944) (TIMM, 2010).

Em 1945, concluiu o curso de Contabilidade no CAB e mudou-se no ano seguinte para os Estados Unidos, onde estudou, até 1948, no Emmanuel Missionary College (atual Universidade Andrews) e depois bacharelou-se em Teologia no Pacific Union College (PUC) em 1950. Tornou-se mestre em História da Igreja pelo Seminário Teológico Adventista, Washington, DC, em 1951 e fez Mestrado em Divindade na Universidade Andrews entre 1959 e 1960. Fez doutorado na Califórnia no Graduate School of Theology entre 1970 e 1971 (TIMM, 2010).

Em relação à arqueologia, seu interesse começou por causa de algumas disciplinas que cursou na Universidade Andrews. E, com o passar do tempo, fez cursos de arqueologia na Pacific School of Religion (1962), Califórnia, na Universidade Hebraica (1971-1972), e na Universidade de Londres (1972). Ele participou das escavações em Tel Gezer, Israel, entre 1971 a 1975, patrocinada pela Fundação Ford, da pesquisa do Museu Arqueológico de Jerusalém, entre 1975 a 1978, para descobrir os muros e portões de Jerusalém e, por fim, na escavação conhecida como “The City of David”, patrocinada pelo Departamento de Antiguidades de Israel entre 1978 e 1979 (TIMM, 2010).

---

<sup>8</sup> Colportagem é a venda de livros e publicações de casa em casa pelos missionários. A Igreja Adventista do Sétimo Dia, incentiva essa prática para que os fiéis fortaleçam seu ministério e para que possam bancar os custos do ensino universitário.

Paulo Bork passou a maior parte de sua carreira na Pacific Union College. Mas também realizou algumas viagens para pesquisar na Síria, Jordânia, Iêmen, Turquia, Iraque, Irã, Egito, Itália, Líbano e Grécia. Devido ao seu interesse sobre a civilização maia, realizou algumas pesquisas no México e na Guatemala. Ele lecionou na Academia de Loma Linda (Califórnia) entre 1960 a 1967, e também na Faculdade de Teologia do Pacific Union College até 1989, sendo diretor dessa faculdade de 1987 até se aposentar em 1989 (PONDER, 2015).

Em relação à participação na Igreja Adventista, Paulo Bork foi pastor da igreja alemã de Nova York e participou do departamento de jovens na Greater New York Conference (1953-1956). Mais tarde foi pastor nas igrejas portuguesa e inglesa da Southern New England Conference (1956-1959) (TIMM, 2010).

Depois que se aposentou, ele continuou viajando pelo mundo ministrando palestras e seminários e pesquisando como voluntário no Centro de Pesquisas Ellen G. White da Universidade de Loma Linda (PONDER, 2015). Foi também membro da American School of Oriental Research e da Biblical Archaeology Society. Recebeu o prêmio “Eagle Award” da PUC em 1988, “Teacher of the Year” pela Academia de Loma Linda em 1966 e “Stephan Zweig Award” pela Faculdade Adventista em 1945<sup>9</sup>.

Paulo Bork escreveu dois livros: “The World of Moses” (O Mundo de Moisés) e “Out of the City, cross the Sand”, que foi traduzido para o português como “A Viagem da Promessa: reconstruindo os passos de Abraão, de Ur a Canaã”. Escreveu ainda diversos artigos, em inglês e português, que foram publicados nas revistas: Adventist Review, Ministry e Revista Adventista (TIMM, 2010).

Em 1994, ele doou 110 objetos arqueológicos de sua coleção e 200 livros para o Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), o que possibilitou a criação do Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork. Em 2000, ele veio ao Brasil para a inauguração do museu. Em 2010, com a comemoração dos 10 anos do Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork, voltou ao Brasil e doou mais 4 peças para o acervo, e também participou do lançamento de um livro eletrônico escrito em sua homenagem.

---

<sup>9</sup> Informações presentes no currículo do Dr. Bork que estava no arquivo do UNASP.

Em entrevista realizada em 2011 para a Revista Adventista, quando questionado sobre o que achava sobre a importância do Museu de Arqueologia Bíblica, Paulo Bork disse que

Em primeiro lugar, quero dizer que considero uma honra ter se lembrado do meu nome. Vejo o museu como um espaço importante pelo fato de apresentar às pessoas o que a arqueologia bíblica tem descoberto. É também um lugar no qual elas podem ter contato com as práticas e o modo de vida do passado. É o único museu de arqueologia bíblica de que se tem notícia no Brasil e, aos poucos, ele tem sido visto e se tornado referência no assunto. Contudo, meu maior desejo é de que esse espaço e essas peças sirvam para alicerçar a fé nos relatos bíblicos. (BORGES, 2011, p.7)

Paulo Bork faleceu em 24 de janeiro de 2015, aos 91 anos, deixando sua mulher Norma Bork, seus filhos Paul K. Bork e Dr. Terry A. Bork, e seus netos Katherine Jane Bork e Paul Francis Maxwell Bork (PONDER, 2015).

**Figura 1** – Paulo Franz Bork



Fonte: [www.galeriabiblica.blogspot.com/](http://www.galeriabiblica.blogspot.com/) (2019).

## 2.2 UNASP

O Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP) é uma rede de ensino formado por 3 campi em Engenheiro Coelho, Hortolândia e São Paulo. O campus de Engenheiro Coelho, próximo a Campinas, possui mais de 5 mil alunos nos ensinos fundamental, médio e superior com 25 cursos de graduação e 39 de pós-graduação.

Dentre estes, há uma especialização em História e Arqueologia do Antigo Oriente Próximo, que surgiu anos depois da criação do Museu de Arqueologia Bíblica.

A missão da instituição é “Educar no contexto dos valores bíblicos para um viver pleno e para a excelência no serviço a Deus e à humanidade”. O UNASP conta com o Museu de Arqueologia Bíblica, a Biblioteca Universitária Dr. Enoch de Oliveira e o Centro de Pesquisas Ellen G. White e o Centro Nacional da Memória Adventista (CNMA), onde há uma exposição com objetos referentes à criação da Igreja Adventista do Sétimo Dia e do próprio UNASP<sup>10</sup>.

### **2.3 Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP**

O surgimento do Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP-EC remonta à venda de uma coleção de tabuletas babilônicas, por parte de Edgar J. Banks, ex-diretor de campo da expedição babilônica da Universidade de Chicago, para o professor Benjamin L. House, da Pacific Union College (PUC), na Califórnia. Por não haver um museu de arqueologia bíblica na instituição, as tabuletas foram doadas para o Dr. Paulo Bork, que já possuía uma coleção de objetos arqueológicos (TIMM, 2010, p. 44).

Por ter grande apreço pela instituição onde estudara, o Dr. Bork nutria uma vontade de doar os objetos da sua coleção para a criação de um museu no então Instituto Adventista de Ensino (IAE). Em 1993, nos Estados Unidos, o Dr. Bork encontrou-se com o pastor Walter Boger, diretor geral do Instituto Adventista de Ensino – Campus 2 (IAE – C2) para relatar esse sonho. As negociações continuaram e, em 1994, foram doados 110 objetos e 200 livros pelo Dr. Bork. Os livros foram incorporados à Biblioteca Universitária Dr. Enoch de Oliveira do UNASP, sendo a maioria em língua inglesa e voltados para os temas de arqueologia bíblica e teologia. Já os objetos ficaram no Centro de Pesquisas Ellen G. White do UNASP (TIMM, 2010, p. 44).

A partir de 1996, começou o processo de formação do museu. O pastor Ruben Aguilar Santos, professor de Arqueologia Bíblica do IAE-C2, projetou os móveis para que o museu fosse implantado e em 1997, os mesmos foram confeccionados. No ano

---

<sup>10</sup> Informações retiradas do site do UNASP.

seguinte foram doados ao museu 46 objetos de cerâmica e 4 peças de metal pelo Museu Rockefeller de Jerusalém. Em 1999, a administração do IAE-C2 decidiu transferir a manutenção e a coordenação do futuro museu para o Centro de Pesquisas Ellen G. White – Brasil. Assim, o primeiro diretor do museu foi o Dr. Alberto R. Timm, diretor do Centro White, e, como curadores adjuntos os professores Ruben Aguilar, Rodrigo Silva e Reinaldo W. Siqueira (TIMM, 2010, p. 45).

O museu foi oficialmente inaugurado como Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork em 14 de maio de 2000, em uma sala do segundo andar do Centro de Comunicações do UNASP, no ano das comemorações do 17º aniversário do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP) – Campus 2 (o antigo IAE– C2). O Dr. Bork e sua esposa estiveram presentes no evento (TIMM, 2010, p. 46).

De acordo com Xavier (2015), o museu não possui nenhum documento de criação ou estatuto. Ele é mantido com recursos do Centro Universitário e por doações filantrópicas, sendo administrativamente subordinado à direção do UNASP, embora não possua autonomia como os outros departamentos. A dissertação de mestrado da museóloga da instituição, Janaina Xavier, consistiu na elaboração de um plano museológico para o museu e, a partir desse trabalho, em 2016, o museu mudou de nome e passou a ser chamado de Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP (TAVARES; CARVALHO, 2017).

**Figura 2** – Estante do Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP



Fotografia da autora (2018)

**Figura 3** – Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP



Fotografia da autora (2018)

#### **2.4 Acervo e documentação no MAB-UNASP**

A maior parte do acervo do MAB foi adquirido por meio de doação de indivíduos, mas também por doações de instituições e por compras do próprio museu. O museu não possui uma política de aquisição e descarte do acervo escrita ou bem definida, mas as peças adquiridas precisam estar ligadas ao contexto bíblico de modo a facilitar o entendimento da Bíblia (XAVIER, 2015, p. 100). Segundo Xavier, os objetos são recebidos independente de critérios estabelecidos formalmente.

[...] Os objetos são adquiridos com certificação de autenticidade e no comércio legal em Israel, e a decisão de escolha dos artefatos é feita pelo arqueólogo responsável, porém, a aquisição de peças em antiquários compromete a comunicação do acervo visto que as peças não tem documentação arqueológica (XAVIER, 2015, p. 125).

O MAB ainda está adquirindo objetos para o seu acervo. Atualmente, ele é composto por 2.117 objetos de diferentes tipologias. Desse total, 701 são objetos arqueológicos sendo que destes, 424 objetos estão expostos e 277 estão na reserva técnica (TAVARES, 2017). Os demais objetos que somam os 1416 restantes são classificados como históricos, livros, fósseis, selos, entre outros. Dentre esses 1416, são 802 moedas, que não foram catalogadas como objetos arqueológicos.

Dentro do sistema de catalogação do museu, foram criadas 8 diferentes tabelas que agrupam os 2.117 objetos<sup>11</sup>. São elas com seus respectivos períodos de aquisição:

- 1) Objetos do Dr. Milton Afonso<sup>12</sup> (2012);
- 2) Selos Legado Brasileiro do Dr. Milton Afonso (2012);
- 3) Moedas do Dr. Milton Afonso (2012);
- 4) Objetos Arqueológicos (OA) (década de 1990 em diante);
- 5) Livros (2012);
- 6) Moedas Novas e MAB (década de 1990 em diante);
- 7) Objetos Ilustrativos (OI) (década de 1990 em diante);
- 8) Fósseis (2015 em diante).

Cada tabela possui campos diferentes de catalogação e não há uma única ficha catalográfica para todo o acervo da instituição. Além disso, os objetos possuem poucas informações sobre sua procedência e nenhum objeto foi fisicamente numerado.

## 2.5 Análise dos gráficos

Considerando a tipologia do acervo da instituição e que o tema da nossa pesquisa está voltado para a influência da coleção do Dr. Paulo Bork na política de aquisição do museu, analisaremos apenas duas tabelas: Objetos Arqueológicos (OA) e Objetos Ilustrativos (OI), pois são as únicas tabelas que apresentam objetos doados por ele, e por outras instituições e indivíduos.

As outras cinco tabelas foram desconsideradas, pois não possuem objetos doados pelo Dr. Bork e não poderíamos aproveitar as informações semelhantes para análise, pois as tabelas não possuem os mesmos campos na ficha catalográfica. Além disso, há poucas informações sobre os objetos, principalmente sobre a procedência

---

<sup>11</sup> Dados coletados em agosto de 2018.

<sup>12</sup> Empresário cristão que doou parte da sua coleção para o MAB-UNASP.

dos mesmos. As quatro tabelas “Objetos do Dr. Milton Afonso”, “Selos Legado Brasileiro do Dr. Milton Afonso”, “Moedas do Dr. Milton Afonso” e “Livros” são frutos de uma grande doação do Dr. Milton Afonso e apresentam apenas objetos dessa coleção, a qual não recebeu um estudo sobre quais objetos deveriam ou não ser aceitos pelo museu segundo à sua missão. Já a tabela Moedas Novas e MAB não apresenta informações sobre a procedência.

A tabela de Objetos Arqueológicos possui 14 campos: número de tombo<sup>13</sup>, descrição, material, dimensões, origem, data, quantidade, conservação, localização, aquisição, original/réplica, certificação de autenticidade, valor e foto.

Já a tabela de Objetos Ilustrativos, possui objetos que não se encaixam na tabela de objetos arqueológicos e que servem como recurso expográfico ou didático para elucidar alguns pontos da narrativa da exposição de longa duração do museu.<sup>14</sup> A tabela apresenta 13 campos, sendo os mesmos da tabela de OA, exceto o campo certificação de autenticidade, que não foi incluído. Observa-se ainda que o campo de aquisição foi preenchido com a data e forma de aquisição.

Em relação à procedência da coleção do Dr. Paulo Bork, há dois termos de doação que apresentam a listagem dos objetos. No primeiro termo, assinado em 2000, foram listados 108 objetos e documentos. No segundo, assinado pelo Dr. Bork em 2003, a lista só compreende 53 objetos. A partir dos números de registro, da tabela de OA estão listados 74 objetos e na tabela de OI são apenas 6, dando um total de 80 objetos. Provavelmente, houve contagens diferentes em cada listagem. Como a coleção possui diversos fragmentos, estes podem ter sido contados separados ou como um conjunto. É possível também que alguns objetos tenham se perdido nos últimos anos. Esses objetos são bastante variados e possuem poucas informações no termo de doação.

Analisaremos através dos gráficos adiante apresentados, se a coleção inicial do Dr. Paulo Bork influenciou ou não na aquisição de outros objetos pelo MAB, tanto na tabela de catalogação dos objetos arqueológicos quanto na de objetos ilustrativos. Na catalogação do MAB, alguns conjuntos de objetos receberam apenas um número

---

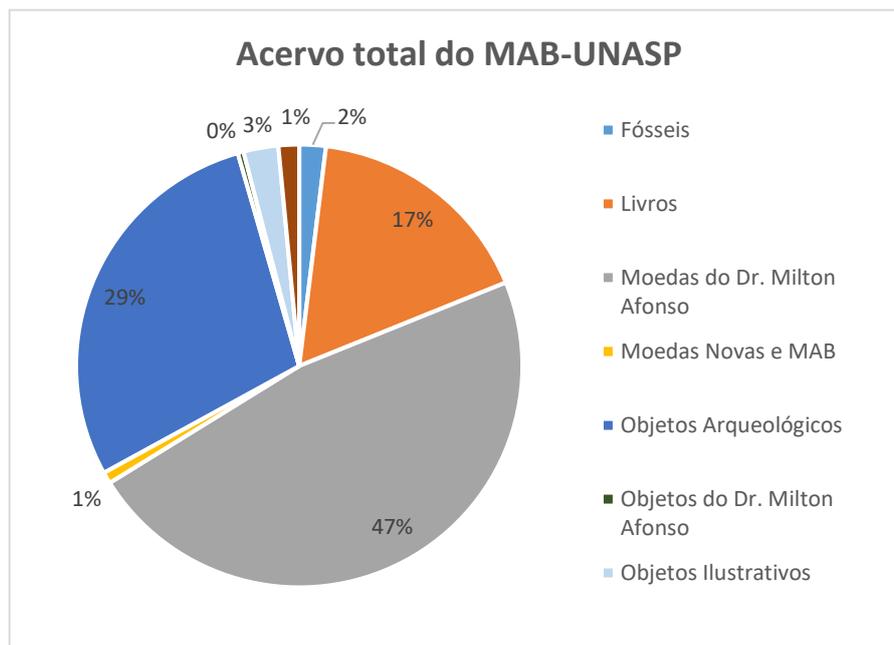
<sup>13</sup> O número de tombo é o número de registro dos objetos.

<sup>14</sup> Explicação dada pela museóloga Janaína Xavier em entrevista durante a pesquisa de campo em agosto de 2018.

de tombo, não sendo definidos cada peça separadamente. Decidimos seguir a catalogação do museu, portanto, os cálculos foram feitos a partir do número de tombo<sup>15</sup> das planilhas. Analisaremos as características da coleção do Dr. Bork separadamente na planilha de Objetos Arqueológicos (OA) e depois os da tabela de Objetos Ilustrativos (OI). Posteriormente, analisaremos a coleção do MAB, sem os objetos doados por Bork na tabela de OA e depois na tabela de OI.

O acervo total do MAB é composto por 2117 objetos dos quais apenas 701 foram considerados como objetos arqueológicos pelo museu. Esses 701 objetos estão separados em diferentes tabelas. A tabela de Objetos Arqueológicos possui 426 objetos e representa 29% do acervo da instituição. Os objetos ilustrativos são 42 e representam 3% do acervo.

**Figura 4 – Gráfico do acervo total do MAB-UNASP**



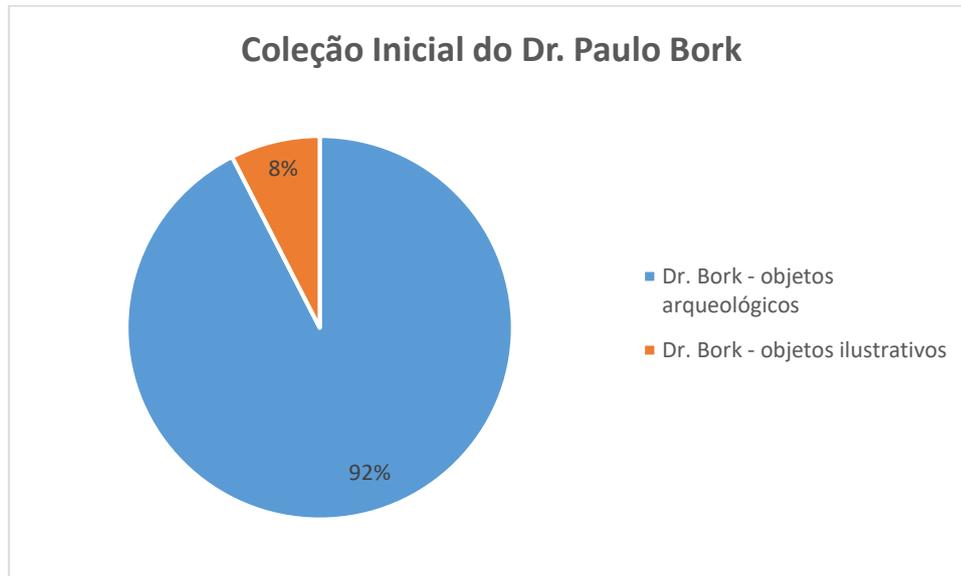
Elaborado pela autora (2018)

A partir de agora, como mencionado no início deste tópico, analisaremos apenas as coleções de Objetos Arqueológicos e Objetos Ilustrativos que juntos somam 517 objetos e 32% do acervo do MAB.

Analisando apenas a coleção inicial do Dr. Bork, percebe-se que 92% foi catalogada como objetos arqueológicos e os 8% restantes como objetos ilustrativos.

<sup>15</sup> O número de tombo é o número de registro de cada objeto.

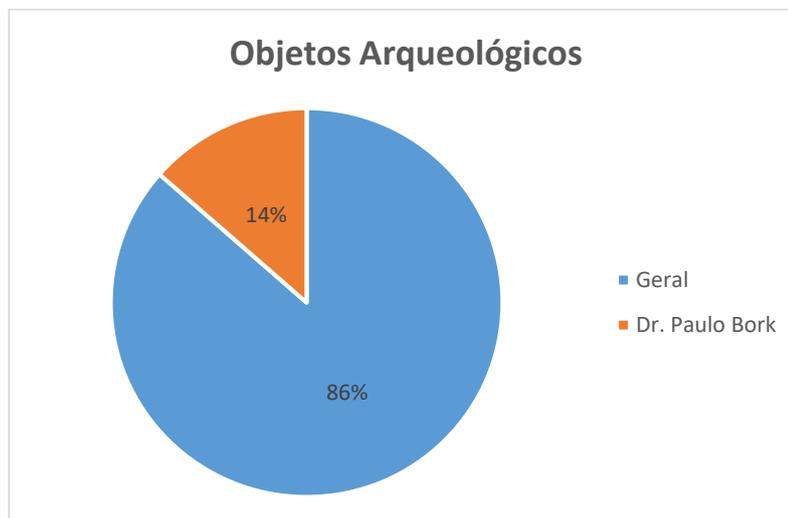
**Figura 5 – Gráfico da coleção inicial do Dr. Paulo Bork**



Elaborado pela autora (2018)

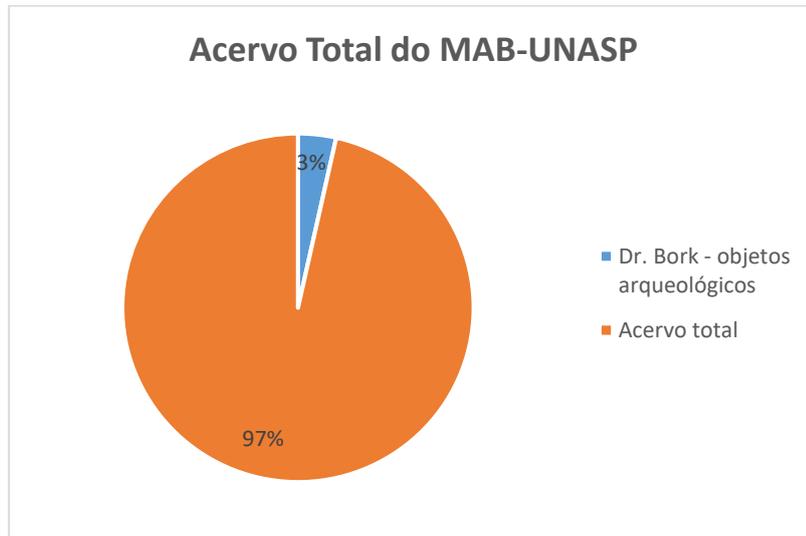
Em relação à coleção dos Objetos Arqueológicos, essa parte da coleção do Dr. Bork representa 14% do acervo dessa planilha. Já em relação ao acervo total do MAB, essa parte da coleção representa apenas 3%.

**Figura 6 – Gráfico dos Objetos Arqueológicos**



Elaborado pela autora (2018)

**Figura 7 – Gráfico do acervo total do MAB-UNASP**



Elaborado pela autora (2018)

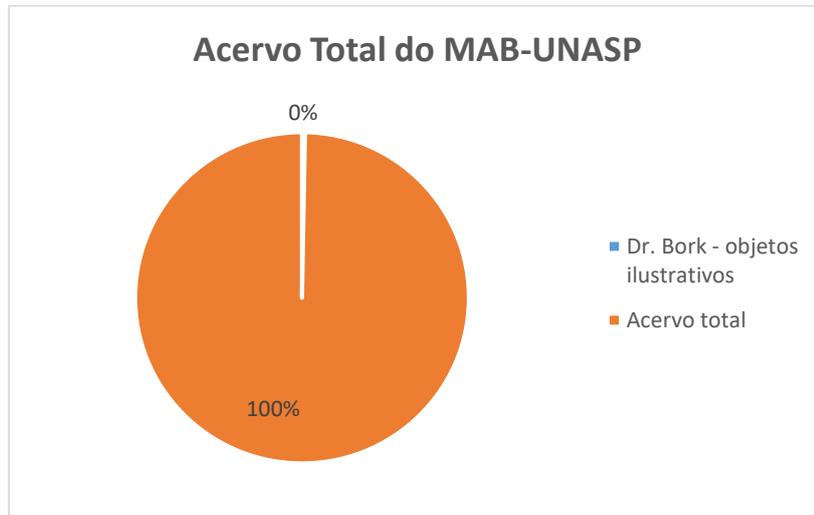
Já em relação aos objetos ilustrativos, apenas 13% do acervo é formado por objetos do Dr. Bork. Essa parte da coleção representa 0,36% do acervo total do museu.

**Figura 8 – Gráfico dos Objetos Ilustrativos**



Elaborado pela autora (2018)

**Figura 9 – Gráfico do acervo total do MAB-UNASP**



Elaborado pela autora (2018)

### 2.5.1 Objetos arqueológicos – Dr. Paulo Bork

Na planilha de catalogação dos Objetos Arqueológicos (OA), dentre os catorze campos constituintes, foram escolhidos quatro para serem analisados por meio dos gráficos: data, material, origem e original/réplica. Estes foram selecionados por serem os quatro campos que possuíam informações passíveis de serem analisadas. No campo data, são apresentadas as informações relacionadas à datação do objeto e/ou o período em que foi produzido. No campo material, apresenta-se o material de que o objeto é constituído. Quando a peça possui mais de um material, foi analisado o material que é predominante.

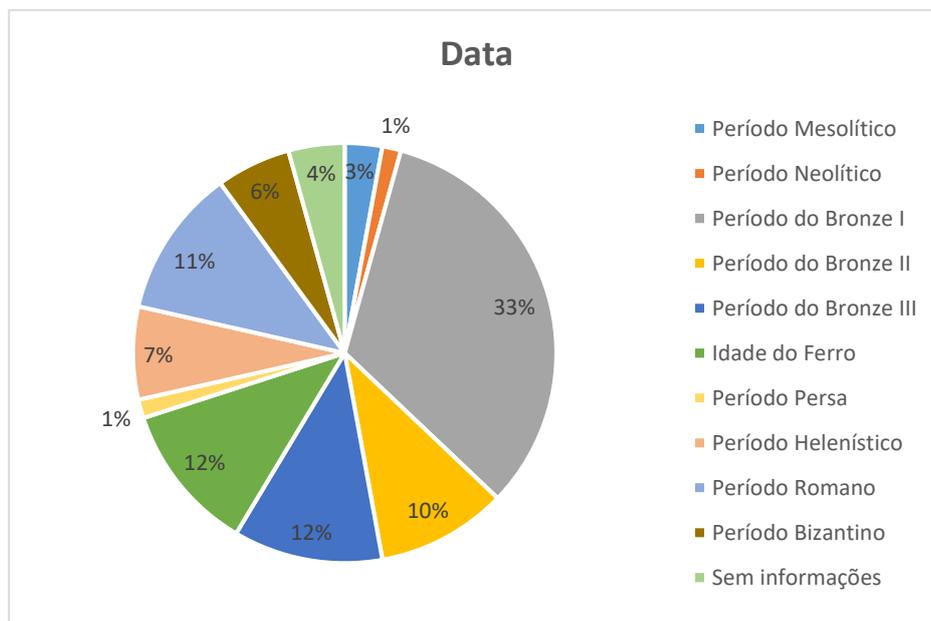
Em relação ao campo origem, trata-se do local onde o objeto foi encontrado ou onde foi adquirido. O campo original/réplica refere-se à originalidade da peça, ou se é uma réplica.

Os outros campos (número de tombo, descrição, localização, e foto) não foram analisados pois possuem informações voltadas para a identificação do objeto dentro do museu. Os campos dimensões, quantidade e valor não possuíam informações passíveis de serem analisadas nos gráficos, uma vez que as informações estão bastante incompletas. Já o campo conservação apresentava os estados de conservação ou um pequeno texto do laudo, o que impossibilitou a análise pois tratavam-se de dados quantitativos e qualitativos combinados. O campo aquisição

apresentava poucas informações e foi utilizado apenas para separar quais eram os objetos do Dr. Bork. O campo certificação de autenticidade não possuía as características e tampouco as informações necessárias para serem analisadas nos gráficos.

Começando a análise com o campo data, percebemos que os objetos doados pelo Dr. Bork são datados desde o Período Mesolítico até o Período Bizantino e 55% deles são relativos aos três Períodos do Bronze, sendo a maior parte relativa ao primeiro período, ou seja, 33%. Os Períodos Neolítico e Persa apresentam a menor porcentagem, 1% cada. A Idade do Ferro e o Período Romano representam 23% do acervo. Os Períodos Mesolítico, Helenístico e Bizantino são pouco representativos com, 3%, 7% e 6%, respectivamente. Ressalto ainda que 4% dos objetos não apresentam informações sobre a data.

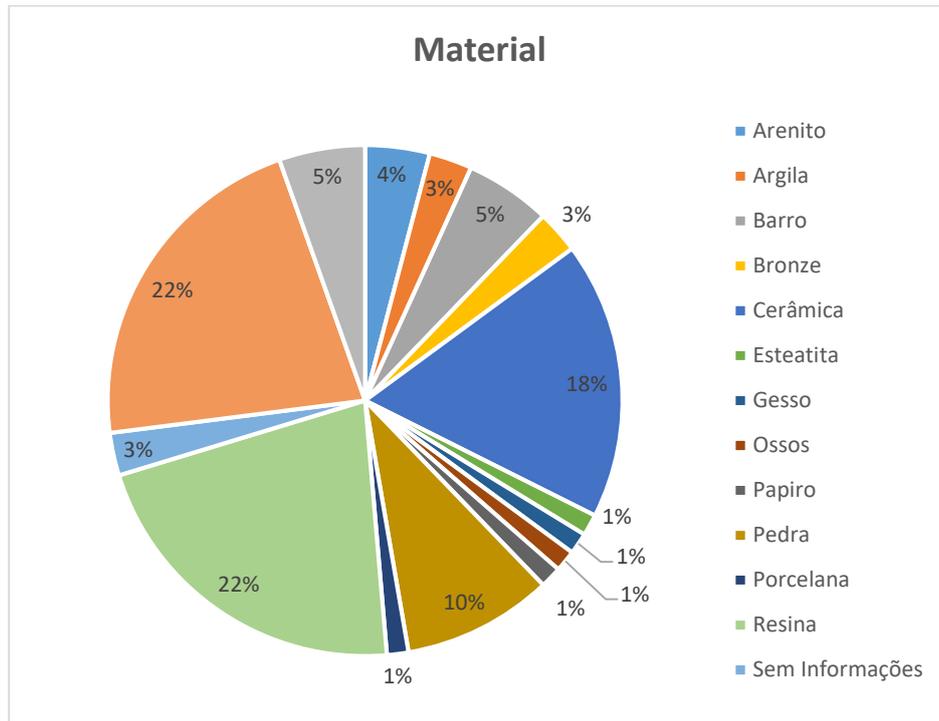
**Figura 10** – Gráfico da coleção inicial - OA - data



Elaborado pela autora (2018)

Dentre os 13 tipos de materiais, os mais frequentes são resina, terracota e cerâmica com 22%, 22% e 18% respectivamente, somando 62%. Pedras, vidro e barro representam 10%, 5% e 5%, respectivamente. Em menor porcentagem, temos o arenito, com 4%, a argila e o bronze com 3% cada um. Ossos, esteatita, gesso, papiro e porcelana somam 5% do acervo e 3% não apresentam essa informação.

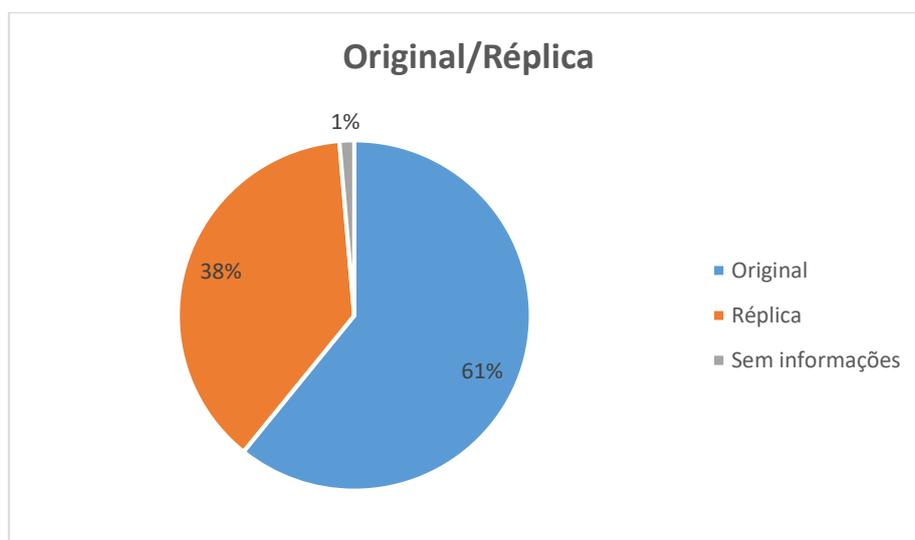
**Figura 11 – Gráfico da coleção inicial - OA - material**



Elaborado pela autora (2018)

Com relação ao fato de serem ou não réplicas, 61% dos objetos doados pelo Dr. Bork são originais, 38% são réplicas e apenas 1% não apresenta essa informação.

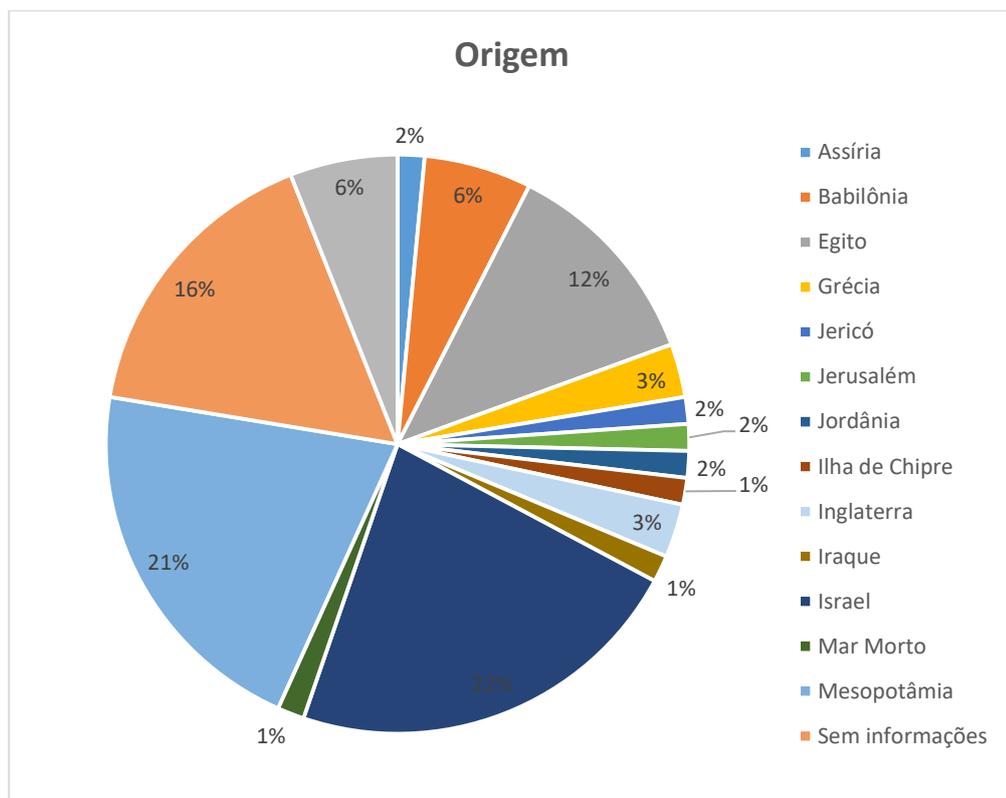
**Figura 12 – Gráfico da coleção inicial - OA – original/réplica**



Elaborado pela autora (2018)

Já com relação ao seu local de origem, a maioria dos objetos são provenientes de Israel, 22%, e da Mesopotâmia, 21%. Em menor porcentagem vem o Egito com 12% e, a Suméria e Babilônia, ambos com 6%. Observa-se que 16% dos objetos não apresentam informações sobre sua origem. Os objetos provenientes da Assíria, Jericó, Jerusalém e Jordânia representam juntos 8%. Grécia e Inglaterra<sup>16</sup> apresentam 3% cada um e Ilha de Chipre e Mar Morto representam 2% do acervo.

**Figura 13** – Gráfico da coleção inicial - OA - origem



Elaborado pela autora (2018)

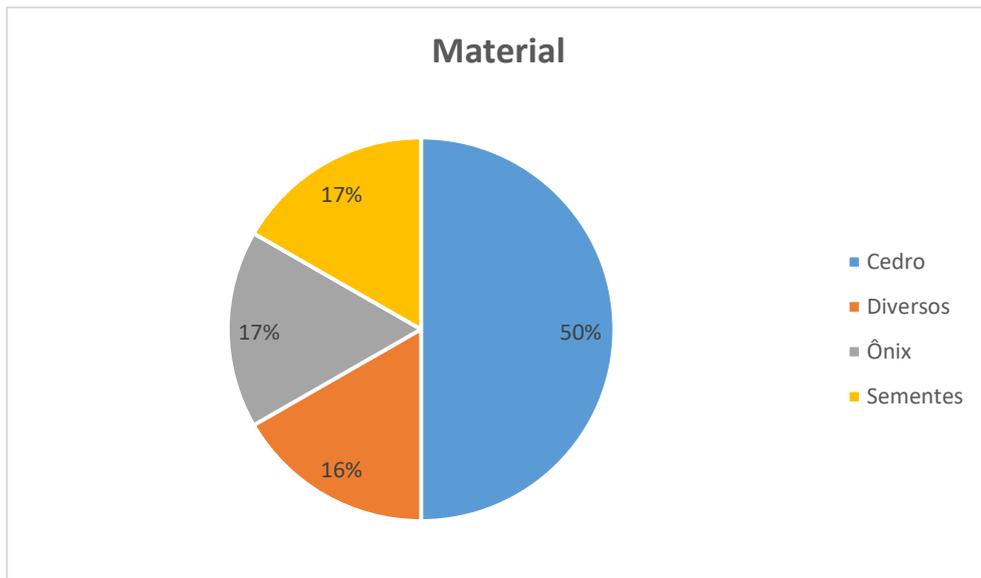
### 2.5.2 Objetos Ilustrativos – Dr. Paulo Bork

Em relação aos Objetos Ilustrativos, havia poucas informações na tabela de catalogação. É importante ressaltar que os 12 instrumentos do ofício do arqueólogo doados pelo Dr. Bork foram catalogados como apenas um objeto recebendo um número de tomo.

<sup>16</sup> Os objetos foram adquiridos na Inglaterra, mas não há informações de como chegaram lá.

Podemos observar que 16% dos objetos classificados como ilustrativos apresentam materiais diversos, e em sua maioria são referentes aos diferentes equipamentos de trabalho de um arqueólogo. Dos demais, 50% são compostos por cedro, 17% por sementes e 17% por ônix.

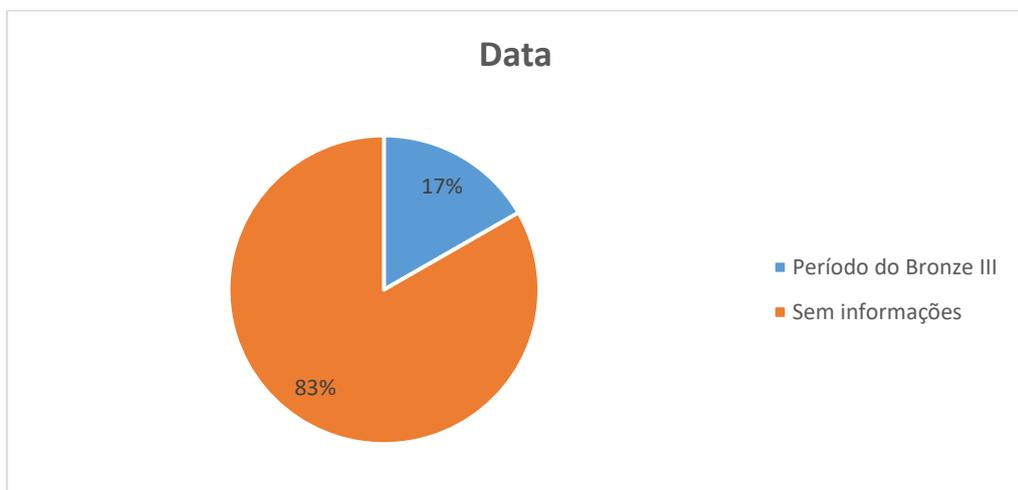
**Figura 14** – Gráfico da coleção inicial - OI - material



Elaborado pela autora (2018)

No campo referente à data dos objetos, 17% são do Período do Bronze III e os outros 83% não apresentam essa informação.

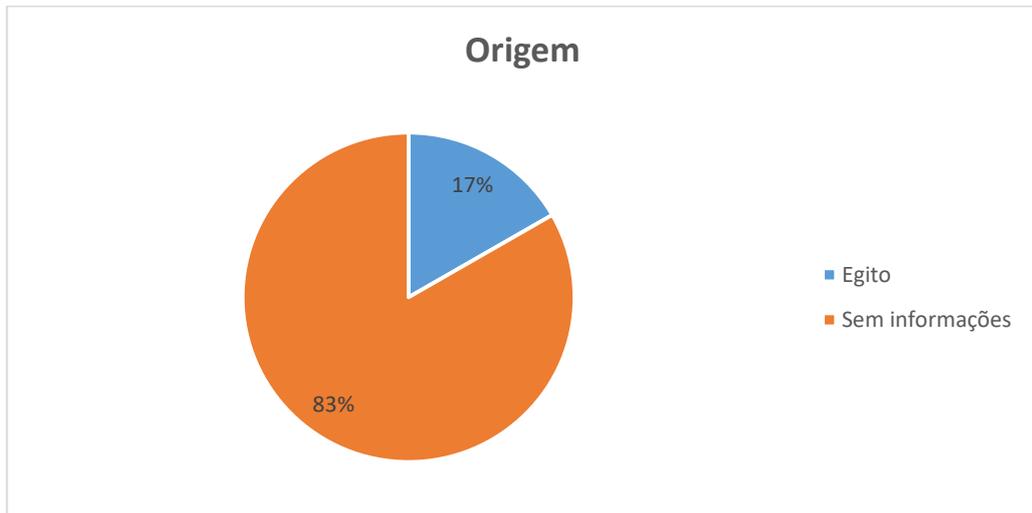
**Figura 15** – Gráfico da coleção inicial - OI - data



Elaborado pela autora (2018)

Em relação à origem dos objetos, 17% procedem do Egito e os outros 83% não possuem informações sobre a procedência.

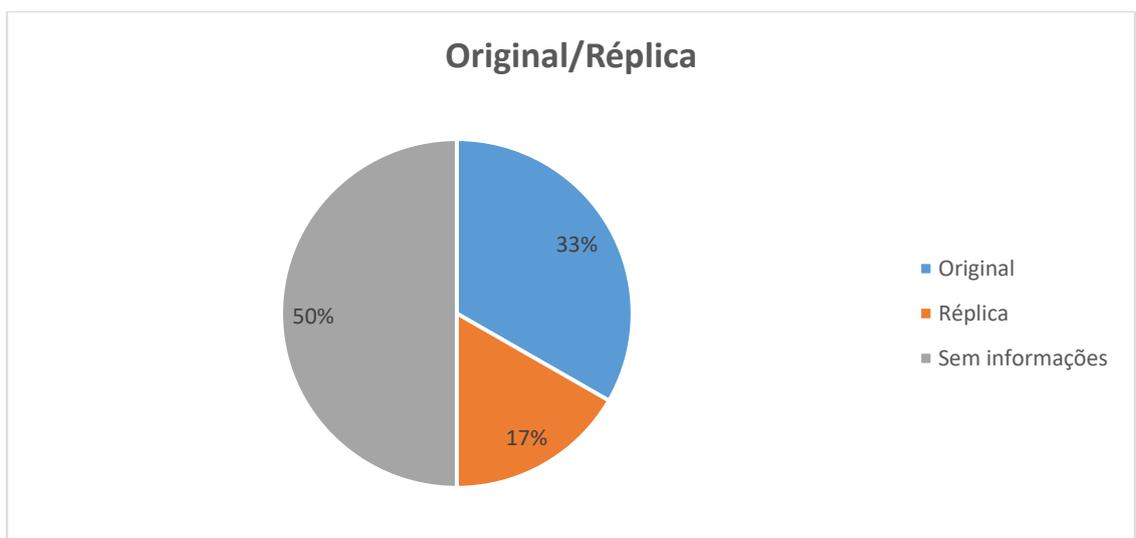
**Figura 16** – Gráfico da coleção inicial - OI - origem



Elaborado pela autora (2018)

Dentre os objetos ilustrativos, 33% são originais, 17% são réplicas e 50% não apresentam essa informação.

**Figura 17** – Gráfico da coleção inicial - OI – original/réplica



Elaborado pela autora (2018)

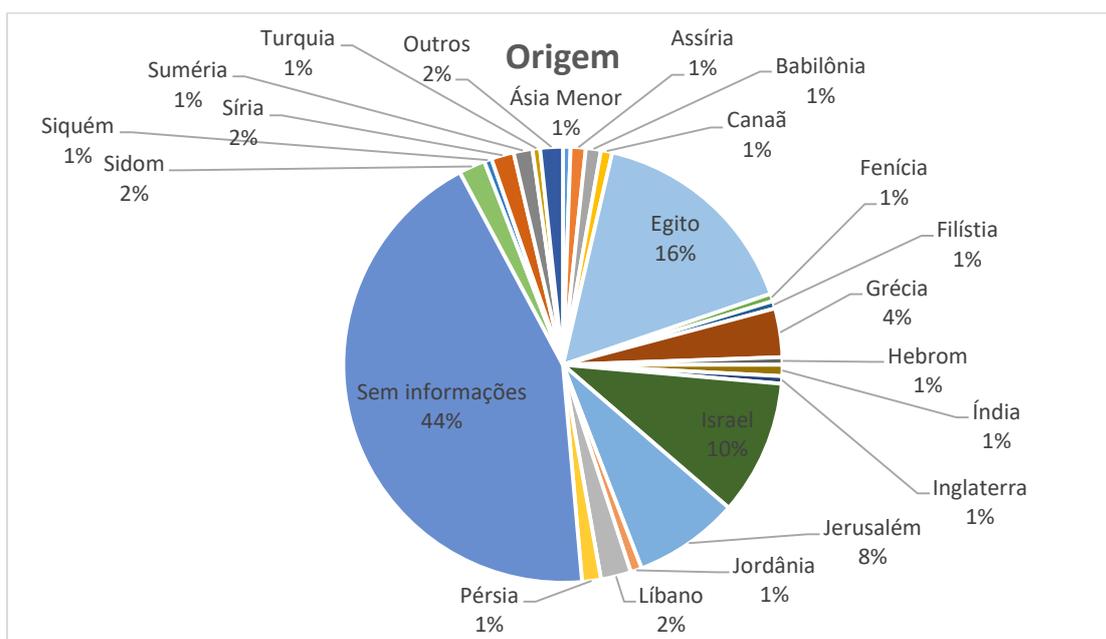
### 2.5.3 Dados do acervo total – Objetos arqueológicos

Analisaremos agora as características dos objetos do acervo que estão na planilha dos Objetos Arqueológicos, e que não foram doados pelo Dr. Paulo Bork (que já foram analisados anteriormente).

De acordo com a catalogação do MAB, o campo origem foi preenchido referindo-se a países, cidades, regiões e lugares atuais ou que existiram durante a antiguidade, mas que não existem mais. Algumas cidades foram catalogadas separadas dos seus países e optamos por uni-los como, por exemplo, Alexandria e Alepo foram incluídos à porcentagem de seus países, Egito e Síria, respectivamente. Os países que existiam, mas não existem mais, foram incluídos na contagem e não foram incluídos aos respectivos países que ocupam o território atualmente.

Dentre os 28 lugares de origem, o Egito, Israel e Jerusalém são os mais expressivos com 16%, 10% e 8%, respectivamente. Grécia, Líbano, Síria e Sidom representam 10% do acervo. Siquém, Suméria, Turquia, Ásia Menor, Assíria, Canaã, Babilônia, Fenícia, Filístia, Hebrom, Inglaterra, Índia, Pérsia e Jordânia representam 1% cada um. Mar Morto, América, Sudão, Iraque, Hesbom e China são pouco expressivos e foram incluídos na categoria “Outros”, que representa 2%. Observa-se ainda que 44% dos objetos não possui essa informação.

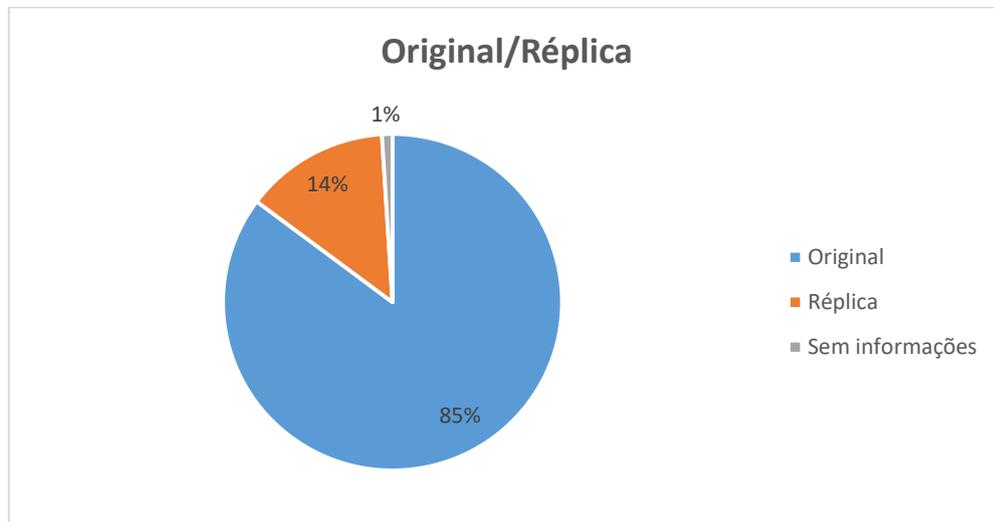
**Figura 18** – Gráfico do acervo do MAB-UNASP – OA - origem



Elaborado pela autora (2018)

Com relação ao campo Original/ Réplica, temos que 85% do acervo é original, 14% é de réplicas e apenas 1% não apresenta essa informação.

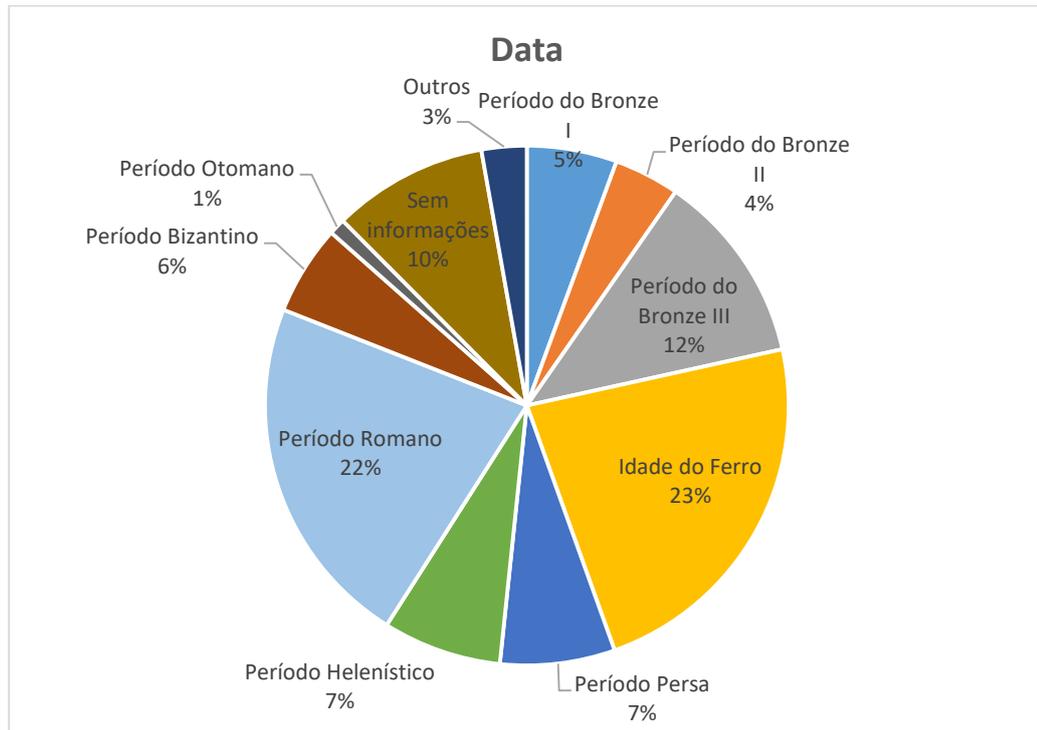
**Figura 19** – Gráfico do acervo do MAB-UNASP – OA – original/réplica



Elaborado pela autora (2018)

Em relação à data, 55% do acervo é composto por objetos dos Períodos do Ferro e Romano, com 23% e 22%, respectivamente. Os Períodos do Bronze I, II e III representam 21%. Os Períodos Helenístico e Persa representam, cada um, 7%, respectivamente, e o Período Bizantino, 6%. Os Períodos Ptolomaico, Herodiano, Greco-Romano, Império Novo, década de 1950 e Atualidade são pouco relevantes, e foram inseridos na categoria Outros somando todos apenas 3%. 10% dos objetos não apresentam essa informação.

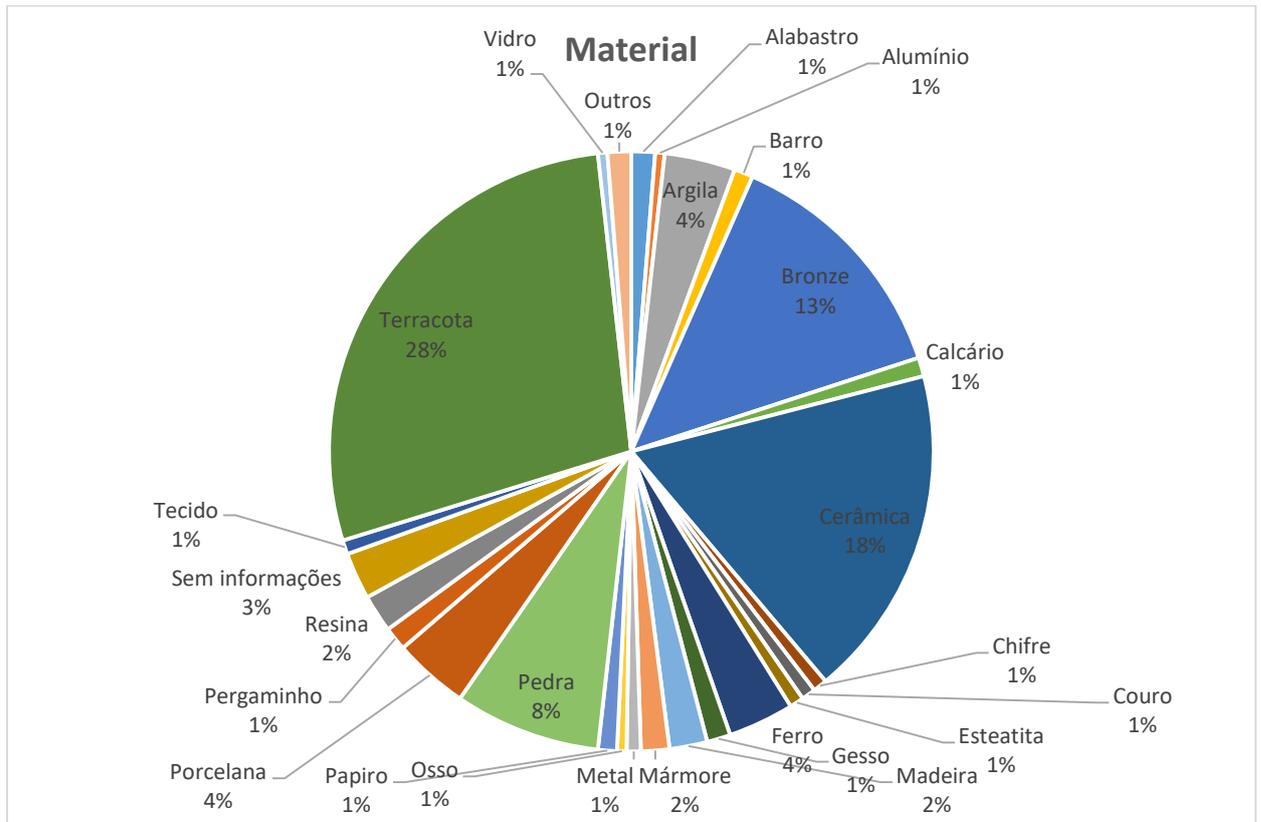
**Figura 20** – Gráfico do acervo do MAB-UNASP – OA – data



Elaborado pela autora (2018)

Em relação aos materiais, a maior parte é composta por terracota, 28%, cerâmica, 18%, bronze, 13%, e pedra com 8%. Porcelana, ferro e argila apresentam 4% cada um. 3% não apresenta essa informação e todos os outros. Dentro da categoria “Outros” foram incluídos arenito, marfim, látex, ouro e poliéster, que juntos formam 1%. Resina, madeira e mármore apresentam 2%, cada um. Calcário, alabastro, vidro, tecido, pergaminho, papiro, osso, metal, esteatita, chifre, couro e gesso possuem cada um 1%.

**Figura 21 – Gráfico do acervo do MAB-UNASP – OA – material**



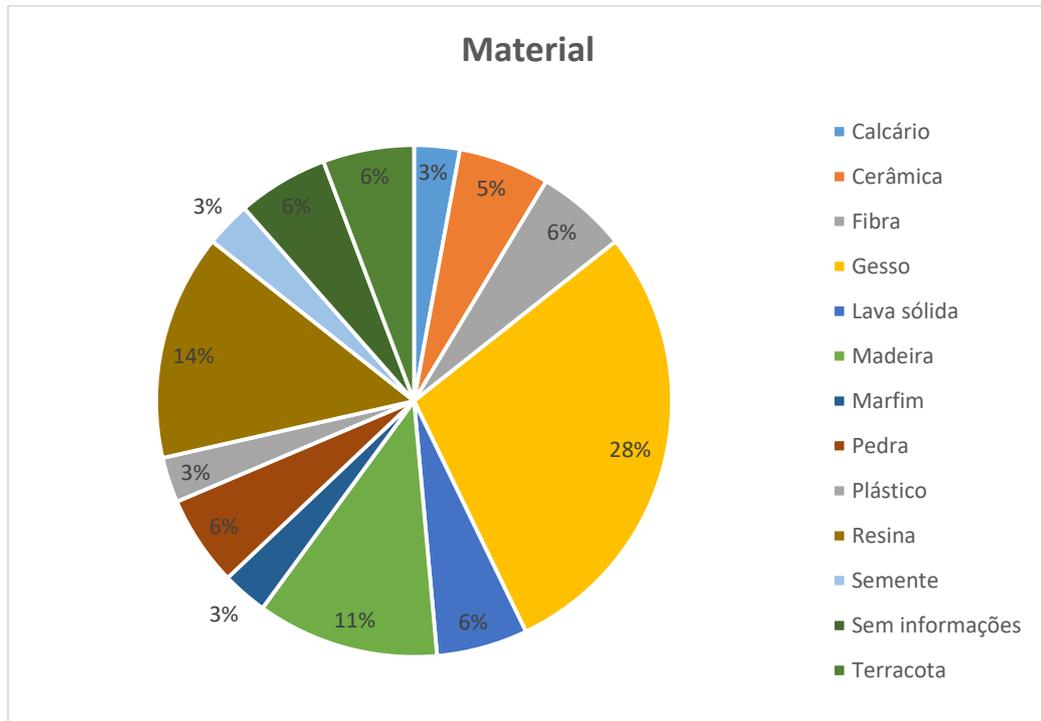
Elaborado pela autora (2018)

#### 2.5.4 Dados do acervo total - Objetos ilustrativos

Analisaremos as características do acervo de objetos ilustrativos do museu, quando se retira deste conjunto os objetos doados por Paulo Bork.

Gesso e resina são os materiais mais comuns com 28% e 14%, respectivamente. 11% é composto por madeira e 5% por cerâmica. Terracota, fibra, pedra e lava sólida apresentam 6% cada. Plástico, marfim, sementes e calcário apresentam 3% cada um. 6% não possuem essa informação.

**Figura 22** – Gráfico do acervo do MAB-UNASP – OI – material

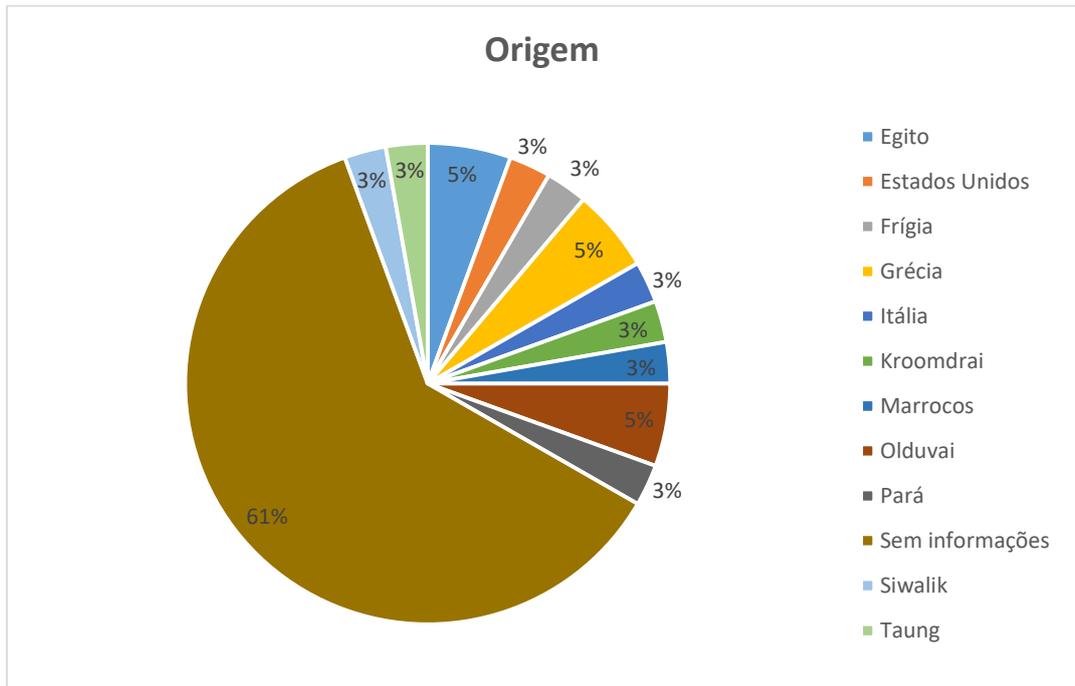


Elaborado pela autora (2018)

Em relação ao lugar de origem, 61% não apresentam essa informação. Egito, Grécia e Olduvai apresentam 5% cada um. Siwalik, Taung, Estados Unidos, Frígia, Itália, Kroomdrai, Marrocos e Pará representam 3% cada um.

A grande quantidade de objetos sem informação deu-se pelo fato de que preferimos não utilizar as informações que estavam na planilha, pois o lugar de origem de algumas réplicas eram referentes ao local de origem dos fósseis originais e não de onde as réplicas foram feitas. Também optamos por deixar os nomes de regiões e cidades como estavam na planilha (Kromdraai, Siwalik, Taung e Olduvai) ao invés de colocar os nomes dos respectivos países.

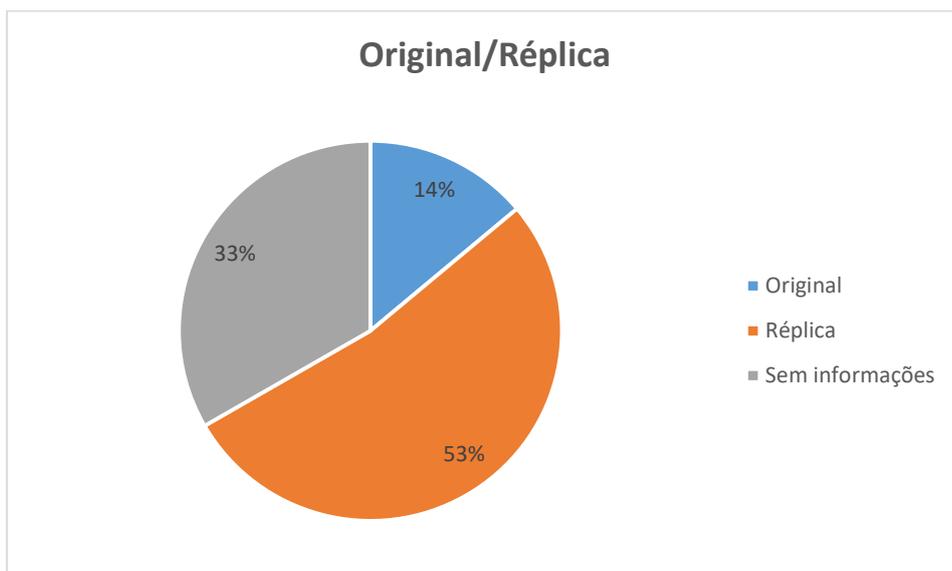
**Figura 23** – Gráfico do acervo do MAB-UNASP – OI – origem



Elaborado pela autora (2018)

Em relação ao campo Original/Réplica, 14% dos objetos do MAB são originais, 53% são réplicas e 33% não apresentam essa informação.

**Figura 24** – Gráfico do acervo do MAB-UNASP – OI – original/réplica

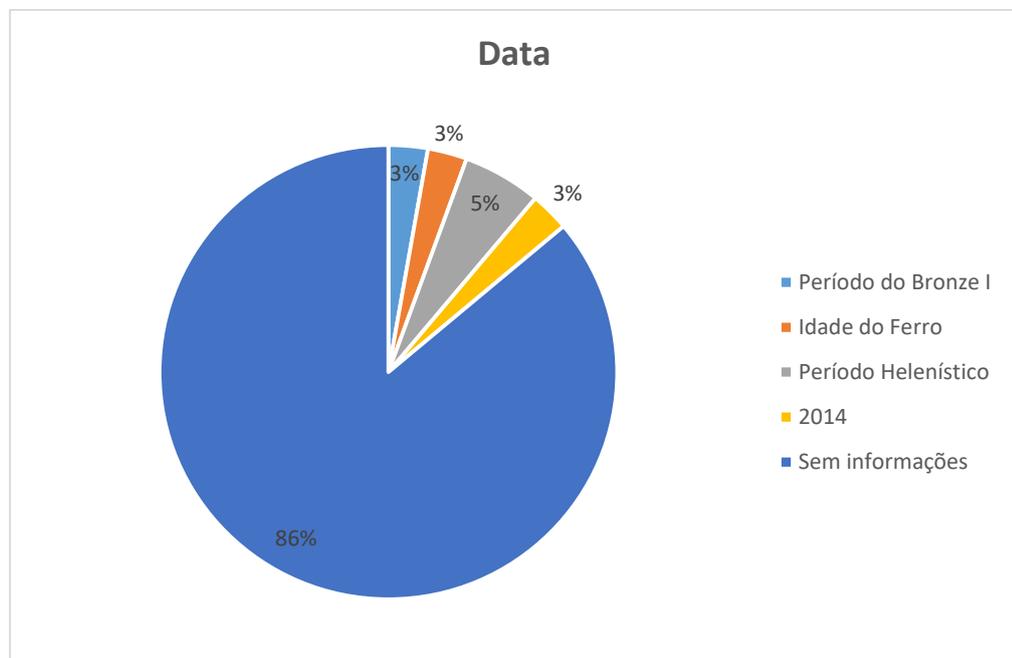


Elaborado pela autora (2018)

Assim como foi feito no gráfico de origem, em relação à data, preferimos não utilizar as informações que estavam na planilha, pois tratavam sobre a datação dos fósseis, e não das réplicas.

Observamos que 86% dos objetos não apresentam informações sobre a data. O período Helenístico é representado por 5%. O Período do Bronze I, a Idade do Ferro e o ano de 2014 representam 3% cada um. O objeto datado de 2014 é uma escultura que provavelmente foi criada neste ano por um artista brasileiro.

**Figura 25** – Gráfico do acervo do MAB-UNASP – OI – data



Elaborado pela autora (2018)

Com base nos gráficos apresentados, analisaremos e discutiremos os resultados no próximo capítulo.

## CAPÍTULO III

### 3. RESULTADOS

Neste capítulo, abordaremos os aspectos presentes nos gráficos apresentados no capítulo 2, tanto os da coleção inicial do Dr. Bork quanto os do restante da coleção do MAB em relação às planilhas dos objetos arqueológicos e dos objetos ilustrativos.

Começando pelos objetos arqueológicos, percebemos que o acervo do MAB apresenta a maior quantidade de objetos provenientes dos Períodos do Ferro, Romano e Bronze III. Na coleção do Dr. Bork, a maior parte dos objetos são dos Períodos do Bronze I, do Bronze III, do Ferro e Romano. Quanto aos materiais, o acervo do museu é composto majoritariamente por terracota, cerâmica, bronze e pedra. Os objetos doados pelo Dr. Bork são compostos principalmente por terracota, resina, cerâmica e pedra.

Nos gráficos de lugar de origem, a maior parte dos objetos do MAB não apresentavam essa informação e os locais mais representados foram Israel, Egito e Jerusalém. Os objetos da coleção inicial do Dr. Bork eram provenientes de Israel, Mesopotâmia e Egito, mas muitos também não possuíam essa informação. Com relação ao campo original/réplica, tanto o gráfico da coleção do Dr. Bork quanto o gráfico do resto da coleção do MAB apresentaram a maior parte de objetos originais respectivamente 61% e 85%.

Já com relação aos objetos ilustrativos, a maioria dos objetos do MAB não apresenta informação do campo data. Na coleção do Dr. Bork, a grande maioria também não apresenta essa informação e o restante é do Período do Bronze III. No campo origem, os objetos do MAB não apresentam essa informação e os que possuem, são provenientes do Egito, Grécia e Olduvai. Nos objetos da coleção Bork, a maior parte não apresenta informações e, nos que estão identificados, são provenientes do Egito.

No campo material, a coleção do MAB é composta majoritariamente por gesso e resina. Na coleção Bork, o material que predomina é o cedro. Em relação à originalidade, a maior parte da coleção do MAB é constituída por réplicas. Na coleção Bork, a maior parte é de originais.

Como forma de facilitar a visualização desses dados, criamos dois quadros com os principais resultados de cada campo, para comparação das características da coleção do Dr. Bork com a do resto do museu:

**Quadro 1 – Comparação da coleção do Dr. Bork com a coleção do MAB-UNASP**

<b>Objetos Arqueológicos (OA)</b>		
	<b>Coleção Paulo Bork</b>	<b>Coleção MAB</b>
<b>Data</b>	Bronze I, Bronze III, Ferro e Romano	Ferro, Romano e Bronze III
<b>Material</b>	Terracota, cerâmica, resina e pedra	Terracota, cerâmica, bronze e pedra
<b>Origem</b>	Israel, Mesopotâmia e Egito	Sem Informações, Egito, Israel e Jerusalém
<b>Original/Réplica</b>	Originais (61%)	Originais (85%)

Elaborado pela autora (2019)

**Quadro 2 - Comparação da coleção de Objetos Ilustrativos do Dr. Bork com a coleção do MAB-UNASP**

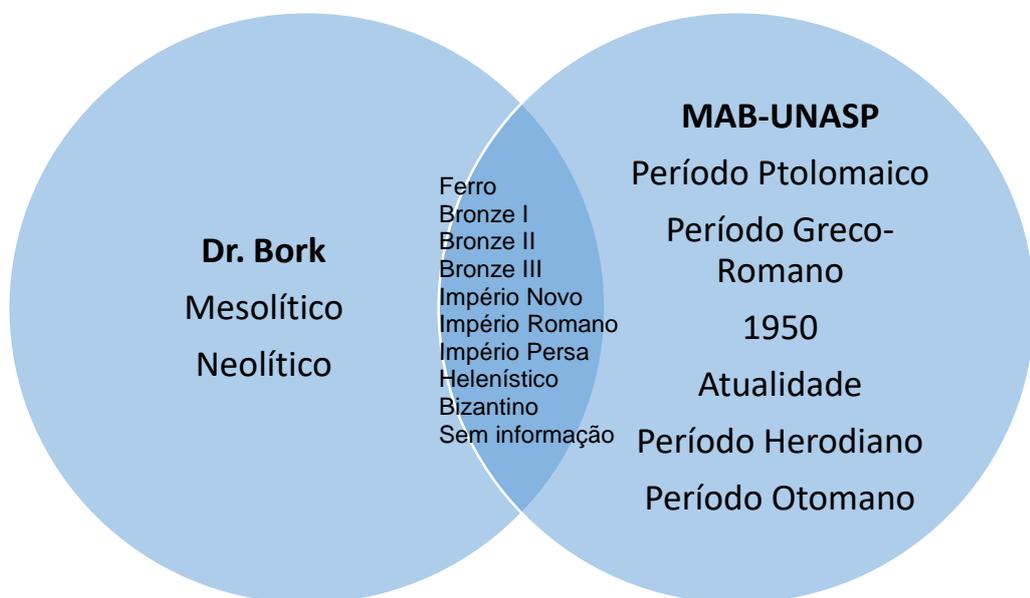
<b>Objetos Ilustrativos (OI)</b>		
	<b>Coleção Paulo Bork</b>	<b>Coleção MAB</b>
<b>Data</b>	Sem Informações e Bronze III	Sem Informações
<b>Material</b>	Cedro	Gesso e resina
<b>Origem</b>	Sem Informações e Egito	Sem Informações, Egito, Grécia e Olduvai
<b>Original/Réplica</b>	Originais (33%)	Réplicas (55%)

Elaborado pela autora (2019)

Além dos principais tipos de cada categoria, analisaremos, por meio de tabelas, cada campo tanto da coleção do Paulo Bork quanto a do museu para comparar o crescimento do acervo do MAB UNASP com o da coleção inicial.

Em relação ao campo “data”, o museu não adquiriu mais nenhum objeto dos períodos neolíticos e mesolíticos, e acrescentou objetos dos Período Ptolomaico, Período Greco-Romano, Período Otomano e Período Herodiano. Além desses, adquiriu algumas peças que foram catalogadas como sendo de 1950 e da atualidade, referentes a algumas réplicas.

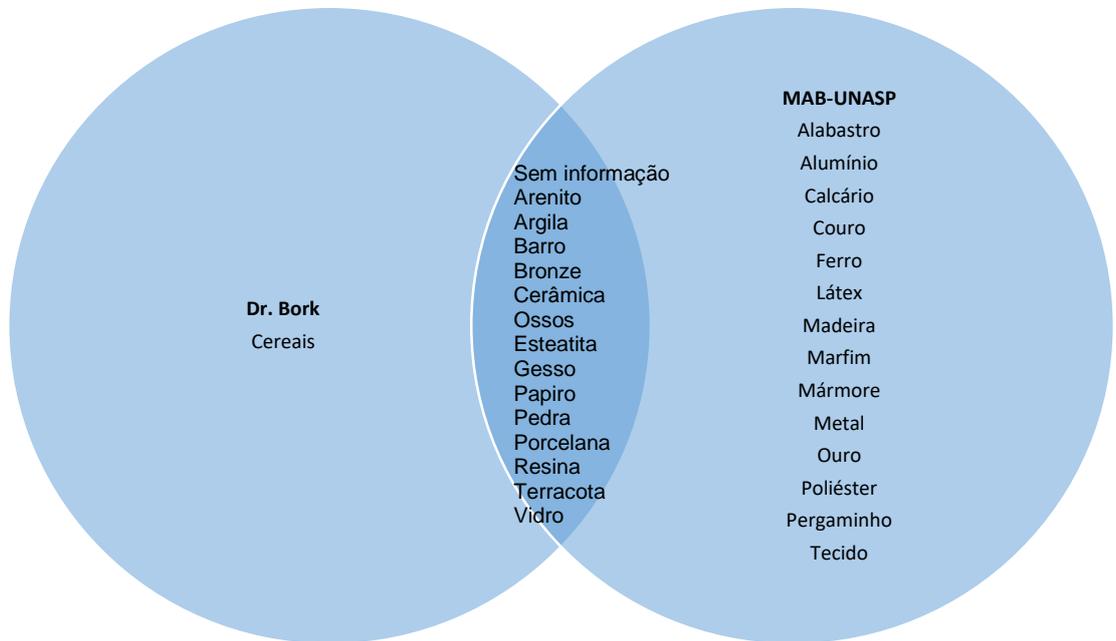
**Figura 26** - Objetos Arqueológicos - Data



Elaborado pela autora (2019)

Com o campo material, com a exceção de cereais, o MAB adquiriu objetos com todos os mesmos materiais presentes na coleção do Dr. Bork, acrescentando Alabastro, Alumínio, Calcário, Couro entre outros.

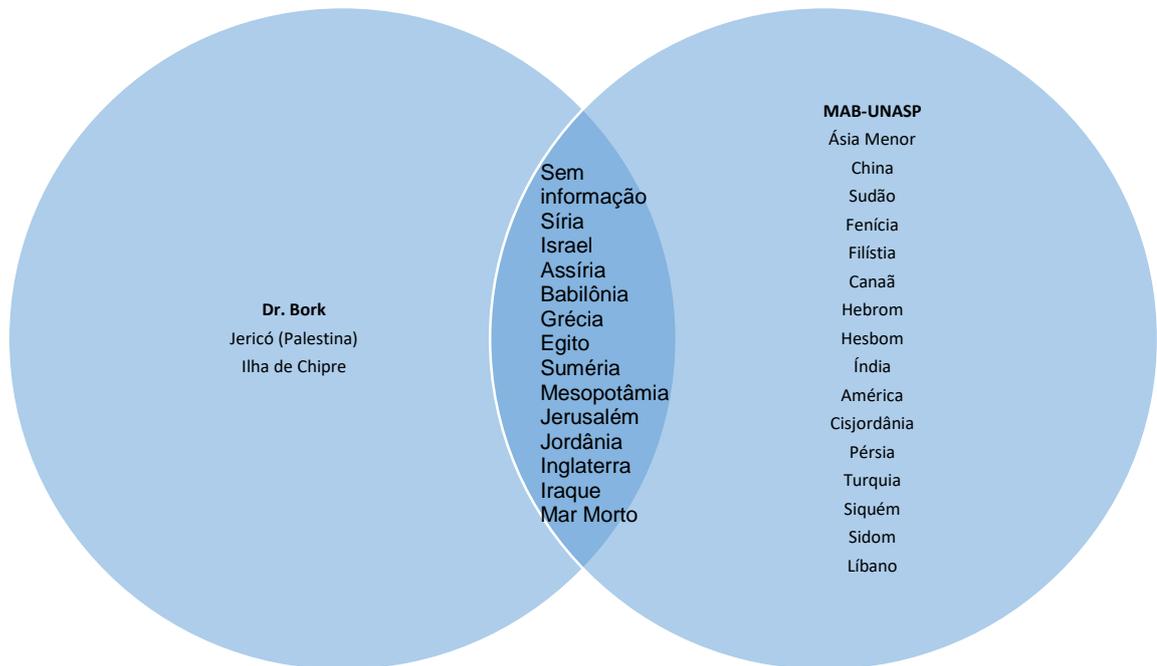
**Figura 27 - Objetos Arqueológicos - Material**



Elaborado pela autora (2019)

Já com o campo origem, o MAB não adquiriu objetos da Ilha de Chipre e nem de Jericó especificamente.

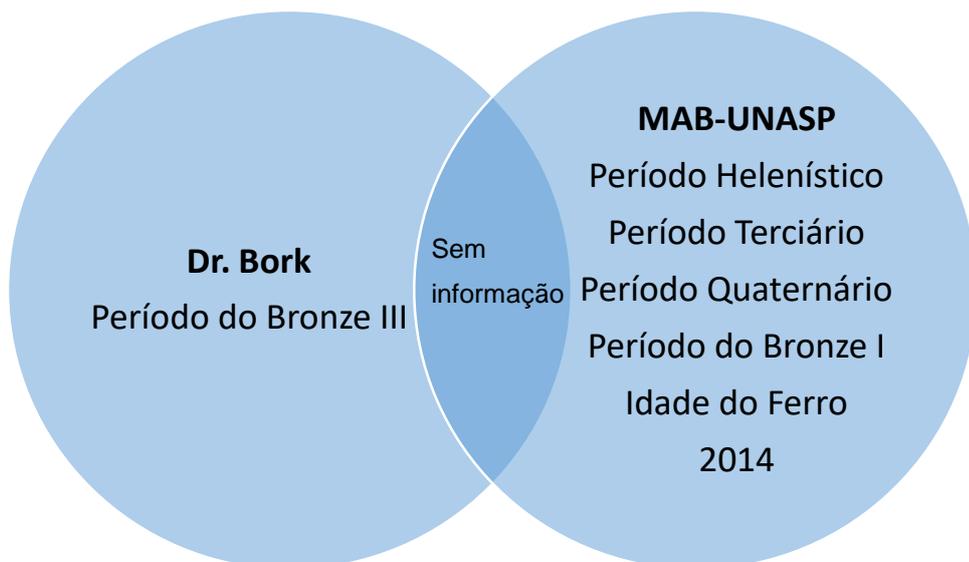
**Figura 28 - Objetos Arqueológicos - Origem**



Elaborado pela autora (2019)

A única semelhança entre a data dos OI é a falta de informações entre as duas coleções.

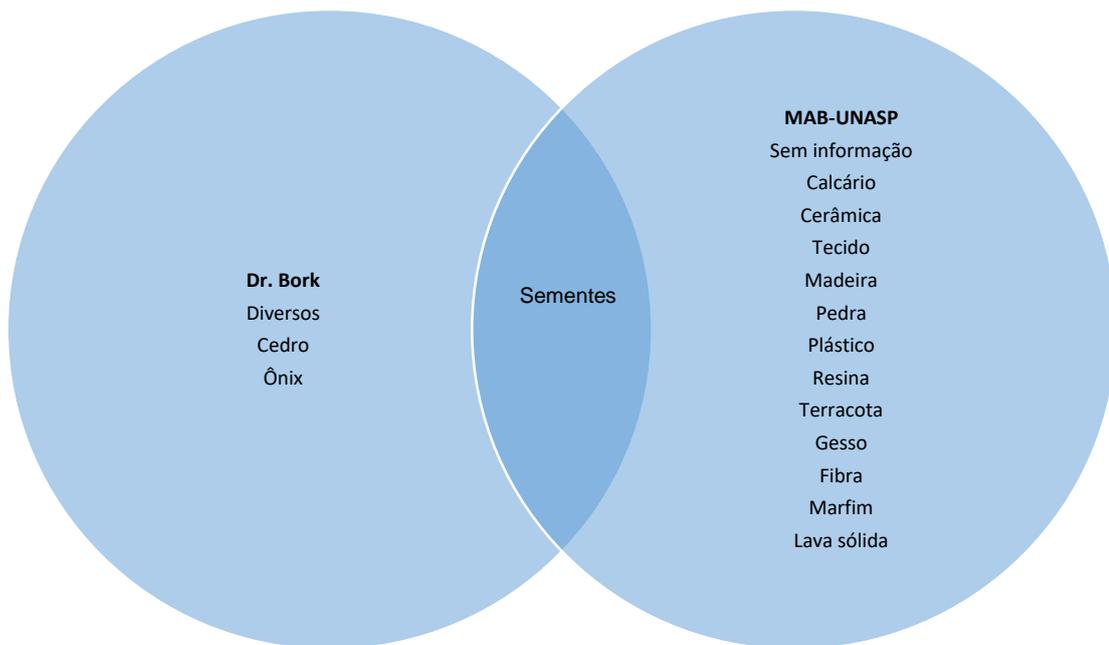
**Figura 29 - Objetos Ilustrativos – Data**



Elaborado pela autora (2019)

Com relação ao material, a única semelhança entre a coleção do Bork e a do MAB são as sementes.

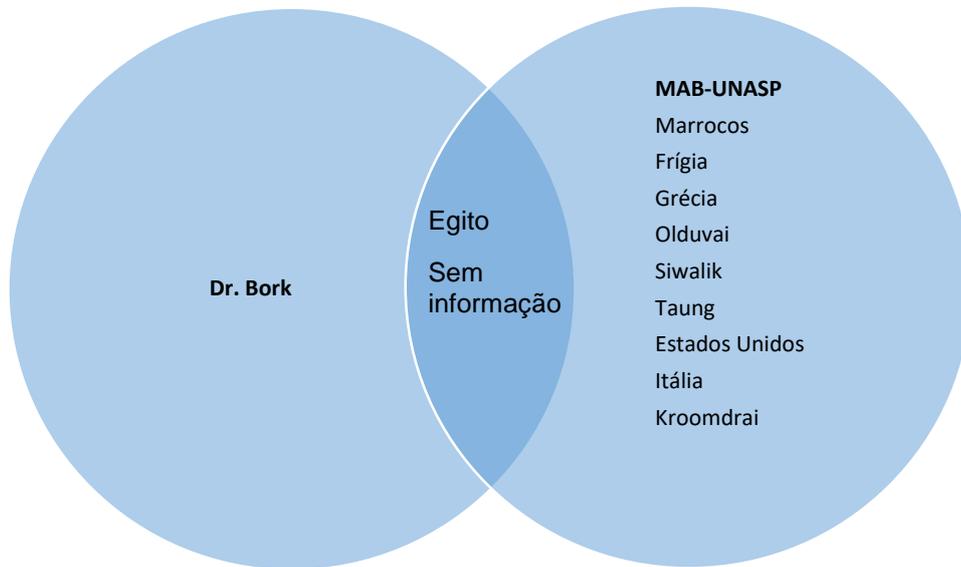
**Figura 30** - Objetos Ilustrativos – Material



Elaborado pela autora (2019)

Já com relação ao campo origem, a coleção do Dr. Bork assemelha-se à do MAB por possuir objetos do Egito e outros sem informação.

**Figura 31** - Objetos Ilustrativos – Origem



Elaborado pela autora (2019)

De acordo com os resultados dos gráficos dos objetos arqueológicos (OA), vê-se que há semelhanças entre a coleção do Dr. Paulo Bork e o resto dos objetos do MAB, pelo menos em relação aos campos escolhidos para análise. Apesar de haver poucas diferenças entre os resultados, não é possível afirmar uma influência definitiva do Dr. Bork sobre o restante do acervo. Talvez os objetos que foram posteriormente adquiridos pelo museu possuam as mesmas características de origem, data e material devido às facilidades de obtenção desses objetos por causa das escavações que estão ocorrendo em algumas regiões em detrimento de outras.

Analisando os objetos ilustrativos, notamos que a maior parte do acervo da coleção do Dr. Bork e a coleção do MAB apresentam poucas informações referentes à data, origem e à originalidade. Mas além da falta de informação, não há muitas semelhanças entre os campos analisados. Os períodos e locais de origem são diferentes, assim como os materiais. Nota-se que muitos objetos são mais explicativos e, estão no Museu para facilitar a narrativa bíblica e tirar algumas curiosidades, do que representar de fato a arqueologia bíblica. Não temos informações suficientes para afirmar, mas talvez o fato da coleção inicial possuir esses objetos, que não são claramente objetos arqueológicos, tenha influenciado na criação e formação de uma coleção de objetos ilustrativos.

Examinando o acervo completo do MAB-UNASP, percebemos algumas características da instituição que vem desde a sua inauguração e notamos uma ruptura com a chegada de uma museóloga na instituição. Parece-nos que o acervo da instituição, por ter sido formado por coleções doadas pelos colecionadores, refletia alguns dos valores pessoais dos doadores e que o MAB passou a importar-se mais com os valores do público e da sociedade quando o museu passou a ter uma profissional da Museologia. Ou seja, o acervo doado pelos colecionadores não é totalmente voltado à arqueologia bíblica e não há um certo cuidado com as informações originais de cada peça. A partir da entrada da museóloga, há um interesse em catalogar os objetos e adquirir aqueles que melhor representem a missão do MAB-UNASP.

Segundo o Dr. Bork, a sua intenção ao criar um museu de arqueologia bíblica era “alicerçar a fé nos relatos bíblicos” (BORGES, 2011, p.7). Atualmente a missão do MAB UNASP é:

Promover o estudo da historicidade da Bíblia, privilegiando ações de preservação, investigação e comunicação de acervos arqueológicos provenientes do contexto bíblico, estimulando a sociedade à reflexão crítica e ao conhecimento do cristianismo, suas origens e cultura (XAVIER, 2015, p.148).

Diante disso, percebe-se que o MAB tem agora uma postura científica em relação à Arqueologia Bíblica do que tinha quando teve início o Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork. A coleção doada pelo Dr. Bork, composta por objetos arqueológicos, réplicas, objetos ilustrativos de passagens bíblicas e livros possuía pouquíssimas informações no termo de doação. Nem todos os livros eram sobre arqueologia bíblica, sendo dois sobre administração e gestão de pessoas e mais alguns sobre teologia. Os objetos que foram catalogados como ilustrativos são amostras de cedro, semente de mostarda, um conjunto de objetos usados por arqueólogos em campo e um busto de Nefertiti. Talvez a presença desses objetos na coleção tenha aberto a coleção do museu para outras peças ilustrativas. Além disso o MAB possui algumas maquetes e réplicas para esclarecer algumas dúvidas relacionadas ao contexto bíblico.

A partir da coleção doada pelo Dr. Bork, o museu passou a receber objetos doados por outros arqueólogos e, em 2012, recebeu de um empresário adventista uma grande quantidade de moedas e selos brasileiros, livros e de alguns objetos

arqueológicos, mas essa coleção também é formada por objetos pessoais. Alguns destes livros são bíblias e obras de teologia, mas também foram doadas obras raras da literatura portuguesa. Essa coleção acabou por criar quatro planilhas de catalogação e, mesmo os objetos arqueológicos dessa coleção não foram catalogados na planilha de objetos arqueológicos (OA).

É interessante ressaltar que nenhum dos objetos do museu apresenta muitas informações. A planilha de catalogação é bastante vaga, pois não havia uma preocupação de recolher informações no momento da doação. Devido a uma falta de padronização dos dados de “dimensões”, não colocamos esses dados nos gráficos, mas nota-se que o museu apresenta objetos de pequeno porte majoritariamente. Como os móveis foram feitos para abrigar primeiramente a coleção do Dr. Bork, percebe-se que houve uma continuidade em adquirir objetos pequenos para a exposição. Atualmente, o MAB tem adquirido peças maiores que estão na reserva técnica esperando o novo prédio do museu.<sup>17</sup>

Vale ressaltar ainda que, até 2002, a primeira exposição de longa duração foi montada a partir de um estudo geográfico da região da Palestina e Oriente Médio (TIMM, 2010, p. 46). Após 2002, a exposição alterou-se para representar os diversos períodos da Arqueologia Bíblica o que mudou a concepção de aquisição de objetos do museu. Atualmente, eles estão tentando adquirir objetos para suprir a diferença na quantidade de objetos dos diferentes períodos.<sup>18</sup>

Com a chegada da museóloga Janaina Xavier na instituição em 2012<sup>19</sup>, percebe-se uma tentativa de organização do museu. Com a criação do plano museológico em 2015, o MAB UNASP passou a ter visão, missão e seus pontos fortes e fracos destacados. O nome do museu foi alterado, passando de Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork para Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP, deixando de lado a figura do colecionador que iniciara o acervo e o próprio museu, dando início a uma nova fase da instituição. O plano museológico prevê mudanças como a construção de um novo prédio e a expansão do acervo.

---

<sup>17</sup> Informações dadas pela museóloga Janaina Xavier em entrevista em agosto de 2018.

<sup>18</sup> Informações dadas pela museóloga Janaina Xavier em entrevista em agosto de 2018.

<sup>19</sup> Janaina Xavier só passou a ser museóloga em 2015 quando apresentou sua dissertação de mestrado na área.

O MAB-UNASP passou a adquirir novas peças através de compras de objetos com certificação de autenticidade, o que facilita na documentação do acervo. O museu continua a adquirir réplicas devido à dificuldade de adquirir peças arqueológicas originais da Palestina e Oriente Médio e também continua recebendo doações. Atualmente ele preserva uma coleção de fósseis adquirida em 2016 pelo centro universitário, o qual tem interesse em criar um centro criacionista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observado, a história da Arqueologia e da Arqueologia Bíblica estão relacionadas ao colecionismo. A partir da análise da bibliografia levantada, percebemos como o colecionismo facilitou a estruturação da arqueologia enquanto disciplina e a construção de museus. Tanto a museologia, quanto a arqueologia tratam da cultura material e, essa ligação está presente no Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP. Apresentamos a biografia do Dr. Paulo Bork e a sua coleção inicial que deu origem ao MAB-UNASP.

Examinamos, por meio de gráficos, a coleção do Dr. Bork e também o restante da coleção adquirida pelo museu. Fizemos uma análise, por meio dos campos “data”, “origem”, “material” e “original/réplica”, de como são compostas a coleção do Dr Bork e o restante do acervo do MAB-UNASP. Posteriormente, colocamos em quadros as informações resultantes dos gráficos para melhor perceber as semelhanças entre as duas coleções. Também averiguamos, em formatos de conjuntos, todas as informações dos campos das duas coleções.

A partir das análises, notamos que há muitas semelhanças entre a coleção do Dr. Bork e o acervo do MAB na tabela de objetos arqueológicos, mas não na tabela de objetos ilustrativos. Supomos que a existência da tabela de objetos ilustrativos pode ter sido causada pela parte da coleção do Dr. Bork formada por objetos educativos que não são arqueológicos.

Além da análise das tabelas de OA e OI, percebemos algumas características da coleção inicial que não puderam ser analisadas por meio de gráficos, como o tamanho dos objetos, que serviu de modelo para a construção do mobiliário da instituição e que influenciou na aquisição de objetos de pequeno porte. Também abordamos um pouco do restante do acervo do MAB, o qual é fruto de doações de colecionadores, mas que não foi considerado como objetos arqueológicos na catalogação do museu.

Como ressaltado anteriormente, o Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork era fruto de um colecionismo pessoal e que acabou por receber outras coleções pessoais o que alterou significativamente seu acervo cuja maior parte não é formado por objetos arqueológicos. Essa falta de clareza da instituição aliada à falta de uma

política de aquisição e descarte permitiu um crescimento desordenado do acervo com peças que não representam a Arqueologia Bíblica. Atualmente, o museu tem focado em atender a sua missão e adquirido objetos para permitir um debate científico, graças ao trabalho de uma profissional da Museologia, o que demonstra a necessidade de profissional da área. Uma forma de otimizar a sua gestão de acervos seria a criação de uma política de aquisição e descartes que permitiria um melhor uso do tempo dos profissionais e espaço da instituição, pois não há a necessidade de guardar um acervo que não se aplique à missão do MAB-UNASP.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina. **A fabricação do imortal**: Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil. Rio de Janeiro: LAPP/ROCCO, 1996.
- AGUILAR, Ruben. O desenvolvimento do estudo da arqueologia bíblica. In: TIMM, Alberto; STENCEL, Renato (org.). **Museu de Arqueologia Bíblica**: Artigos em homenagem ao Dr. Paulo Bork. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2010.
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BLOM, Philipp. VARGAS, Berilo (Trad.). **Ter e Manter**: uma história íntima de colecionadores e coleções. Ed. Record: Rio de Janeiro, 2003.
- BORGES, Michelson; PARADELLO, Jefferson. Confirmando os relatos bíblicos. **Revista Adventista**, fev. 2011, p. 6-7. Disponível em: <<http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?ed=2074&s=2333059659>>. Acesso em: 21 abr. 2019.
- BRULON, Bruno. "Caminhos Modernos da Musealização: a fabricação de musealia no Ocidente". **Revista Tempo Amazônico**, Amapá, v. 3, n. 1, 2015, p. 42-61.
- BUCAILLE, Richard; PESEZ, Jean-Marie. "Cultura material". In: **Enciclopédia Einaudi**, Lisboa, IN-CM, 1989, vol.16 - Homo — Domesticação — Cultura Material, p.11-47.
- CÂNDIDO, Manuela Maria Duarte. "Cultura material: interfaces disciplinares da Arqueologia e da Museologia". **Cadernos do CEOM**, Santa Catarina, ano 18, n. 21, 2005, p. 75-90.
- Centro Nacional da Memória Adventista/Centro de Pesquisas Ellen G. White. **Curriculum Vitae de Paulo F. Bork**. UNASP-EC, Engenheiro Coelho, SP. Estante 2. Prateleira 13: Pasta/Caixa: "Bork, Paulo F." Acesso em: 09 ago. 2018.
- DARIUS, Fábio Augusto; HOSOKAWA, Elder. Breve história da arqueologia bíblica: contribuição e crítica estadunidense. **Revista Caminhando** v. 22, n. 2, p. 19-29, jul./dez. 2017.
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução de Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013.
- FUNARI, P.P.A. Arqueologia no Brasil e no mundo: origens, problemáticas e tendências. **Ciência e Cultura**, vol. 65, p. 23-25, 2013.
- JULIÃO, Leticia. Pesquisa Histórica no Museu – In: **Caderno de Diretrizes Museológicas 1**. Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, Belo Horizonte, 2002, p. 94-105.
- KAEFER, J. A. A Bíblia, a Arqueologia e a História. In: CARNEIRO, M. (org.), "**Bíblia e Cultura**: Tradição, Tradução e Exegese - Debatendo as diferentes leituras da Bíblia". São Paulo: Fonte editorial - ABIB (2014), p. 149-166, 2014.

LE GOFF, Jaques. "Documento/Monumento". In: ROMANO, Rugiero (Dir.) **Enciclopedia Einaudi**. Porto: Imprensa Oficial/Casa da Moeda, 1984, v. I. Memória-História.

MAZAR, Amihai. **Arqueologia na terra da Bíblia: 10.000-586 a.C.** São Paulo: Paulinas, 2003.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. "A cultura material no estudo das sociedades antigas". **Revista de História**, NS, n. 115, 1983.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. "Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico". **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: Nova Série, v. 2, jan./dez. 1994, p. 9-42.

MURGUIA, Eduardo Ismael; PEDROCHI, Mara Angélica. "O devir de uma coleção: a institucionalização do Museu "Eduardo André Matarazzo" de Armas, Veículos e Máquinas." In: VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2007, Salvador, Bahia. **Anais...** Bahia: 2007. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/viiienancib/paper/viewFile/2966/2092>>. Acesso em: 05 mai. 2018.

POMIAN, Krzysztof. "Coleção". In: ROMANO, Ruggiero (org.). **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Oficial/ Casa da Moeda, 1994, v. 1, Memória-História.

PONDER, James. In Loving Memory of Paul Franz Bork, Ph.D.. **Loma Linda City News**. 2015. Disponível em: <<http://lomalinda.citynewsgroup.com/articles/a6262d74ad10556aef029513c1d4043b>>. Acesso em: 21 abr. 2019.

PRICE, Randall. **Arqueologia bíblica**. Tradução de Sérgio Viúla, Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD – Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2011.

RODRIGUES, Gabriella Barbosa. **Arqueologia Bíblica: um estudo de narrativas e discursos acerca de sua constituição como disciplina**. 142 f. Dissertação de mestrado - Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2011.

SILVA, Rodrigo Pereira. **Escavando a verdade: A arqueologia e as incríveis histórias da Bíblia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

SILVA, Rodrigo Pereira; XAVIER, Janaina Silva. "Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork do Centro Universitário Adventista de São Paulo: os caminhos do diálogo com a comunidade". **Revista Memória em Rede**, Rio Grande do Sul, v.2, n.7, 2012.

TAVARES, Valéria Marques dos Santos. **Arqueologia do Antigo Oriente Próximo no Brasil: um estudo sobre o Museu de Arqueologia Bíblica do Centro Universitário Adventista de São Paulo e sua coleção**. Rio de Janeiro, 2017. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

TIMM, Alberto; STENCEL, Renato (org.). **Museu de Arqueologia Bíblica: Artigos em homenagem ao Dr. Paulo Bork**. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2010.UNASP. Disponível em: < <https://www.unasp.br/ec/>>. Acesso em: 07 mai. 2019.

**UNASP**. Disponível em: < <https://www.unasp.br>>. Acesso em: 26 mai. 2019.

XAVIER, Janaina Silva. **Plano Museológico**: Uma discussão para o Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork do Centro Universitário Adventista de São Paulo. 175 f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação Interunidades em Museologia, Universidade de São Paulo, 2015.